



Governo do  
Estado da Bahia

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS – ODEERE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADES – PPGREC**

**JESSIKA DE OLIVEIRA SOUSA**

**CLUBE DA LEITURA PRETA E O PROCESSO DE LETRAMENTO RACIAL PARA  
ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE JEQUIÉ**

**JEQUIÉ – BAHIA**

**2026**

**JESSIKA DE OLIVEIRA SOUSA**

**CLUBE DA LEITURA PRETA E O PROCESSO DE LETRAMENTO RACIAL PARA ADOLESCENTES: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE JEQUIÉ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidades – PPGREC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidades.

**Orientador:** Prof. Dr. Daniel Valério Martins  
**Coorientadora:** Prof. Dra. Marise de Santana

**JEQUIÉ - BAHIA**

**2026**

## Ficha Catalográfica

S725c Sousa, Jessika de Oliveira.

Clube da leitura preta e o processo de letramento racial para adolescentes: um estudo de caso na cidade de Jequié - Bahia / Jessika de Oliveira Sousa. - 2026.

88f.: il., color.

Orientador(a): Prof. Dr. Daniel Valério Martins.

Coorientador(a): Profa. Dra. Marise de Santana.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Jequié, 2026.

1. Educação antirracista. 2. Circularidade. 3. Clube de leitura. 4. Escrevivência. 5. Adolescentes quilombolas - Brasil. I. Martins, Daniel Valério. II. Santana, Marise de. III. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. III. Título.

CDD 371.829

Catálogo na fonte: Bibliotecária Eridiana Souza Silva - CRB-5/2129  
UESB - Campus Jequié/BA

**JESSIKA DE OLIVEIRA SOUSA**

**Clube da leitura preta e o processo de letramento racial para adolescentes: um estudo de caso na cidade de Jequié**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidades – PPGREC da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidades.

**Linha de pesquisa 1:** Etnicidade, Memória e Educação.

**Aprovado em:**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Daniel Valério Martins (UESB) Presidente da Banca/Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marise de Santana (UESB) Coorientadora

Prof.<sup>a</sup> Dra. Raquel Valério Martins (UECE) Examinadora Externa

Prof.<sup>a</sup> Dra. Francislene Cerqueira de Jesus (UESB) Examinadora interna

**JEQUIÉ – BAHIA  
2026**



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Valério Martins, Professor Visitante**, em 30/03/2026, às 19:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marise de Santana, Usuário Externo**, em 07/04/2026, às 18:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Racquel Valerio Martins, Usuário Externo**, em 17/04/2026, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francislene Cerqueira Alves, Professor Adjunto**, em 20/04/2026, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **00136534862** e o código CRC **7436E82F**.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que vieram antes de mim, e que por algum motivo, tiveram a coragem de desistir, pois desistir também é um ato de coragem. No entanto, também quero dedicar este feito para os que continuaram.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, princípio e sustentação da minha existência, fonte de força, direção e permanência.

Aos meus Orixás, aos meus encantados, a Cosme Damião e Doum, assim como todos os guias pela proteção constante e pelo amparo nos dias de incerteza. A cada caminho que Ogum abriu diante de mim e a cada vento que Yansã soprou para que eu permanecesse de pé. “Não se derruba o vento”. Ogum vive na minha vida e no meu caminho. “O que se ganha de Ogum só Ogum pode tirar...”.

Aos meus pais, Nilda e Neto, pelo amor incondicional, pelo esforço silencioso e pela fé permanente na minha capacidade de ir além. Esta vitória também é de vocês. Obrigada por tudo, meus amores! Jamais terei como pagar tudo que vocês fazem por mim.

À minha avó, Terezinha de Oliveira Santos, ex-lavadeira, e ao meu avô, João Plaiboy, ex-pedreiro, por serem raiz, memória e ancestralidade viva em mim. Cada conquista minha carrega o legado de vocês e de todos os meus mais velhos que não caminham mais entre nós na terra, mas se mantêm vivos em energia. Minha tia Gaída, minha tia Cota, minha tia Lôra e minha tia Menininha. Chegamos!

Aos meus avós paternos, Clarice Sousa, ex-dona de casa e à Camerino preto da Serra azul, ex-vaqueiro (*in memoriam*). Obrigada por terem me proporcionado amor, mantimentos e me protegerem aí do céu.

Ao meu filho, Otávio, razão mais profunda da minha coragem. Que você cresça sabendo que cada página escrita aqui também é por você. Sua existência me fortalece e me lembra todos os dias porque vale a pena continuar.

Ao meu esposo, William Gondim, meu amor, obrigada por estar comigo em todos os momentos. Essa caminhada é nossa. Obrigada pelo apoio constante, pelo incentivo, pelos puxões de orelha quando necessários e por me mostrar que o caminho se torna mais leve quando é percorrido ao seu lado. Eu te amo!

À minha madrastra, pelo cuidado e apoio ao longo da caminhada.

A todos os meus tios e tias, mas em especial aos históricos Ronevon e Janete por se manterem na arquibancada torcendo e incentivando desde quando tudo era só “mato”. Amo vocês! E a cada um dos meus outros tios e tias, com seu jeito singular, saibam que cada uma sua maneira me ajudou muito nesta fase. É claro que não poderia faltar neste departamento um espaço para o meu tio Neirlon, um tio que todo mundo deveria ter, o responsável pelas minhas melhores memórias e brincadeiras. Te amo! E a minha tia Géu, que sempre está ali rente e ciente com essa renca de sobrinhos dela (risos), muito obrigada por sempre está aberta e disponível, tia, te amo! Cada um do seu jeito sendo figura essencial no meu desenvolvimento enquanto pessoa e enquanto mulher. Sou a primeira mulher a me tornar mestra na minha família tanto

materna quanto paterna – e isso tem um valor imenso para mim. Essa vitória não é individual, ela é coletiva. Eu estou aqui hoje porque vocês vieram antes. Eu só sou porque nós somos!

À toda a minha família, que esteve presente de tantas formas e sustentou essa trajetória com amor e oração. Aos meus primos, em especial Ruan, meu melhor amigo da infância e firme na arquibancada da torcida.

Aos meus irmãos Emanuel Vitor, Rikelme e Arthur, pela energia boa emanada e pela alegria compartilhada.

Aos meus irmãos da vida José Paulo Lima da Cruz e Carla Geline de Oliveira Campos, pelo amor, parceria e por tudo. O que nos une não se explica.

Aos meus amigos e amigas da vida, que compreenderam minhas ausências e celebraram minhas conquistas. Em especial, Piado, Carol, Iracema, Lara, João, Dete e Neizio, Jaque, Caetano, Malú, Brena, Raneline e Didhio. Obrigada pela amizade sincera e por estarem atentos e presente sempre que precisei. A presença de vocês foi essencial!

Aos meus amigos e amigas do mestrado, companheiros e companheiras de travessia acadêmica, pelas trocas, pelas leituras compartilhadas, pelas angústias divididas e pelas conquistas celebradas coletivamente. Em especial ao meu amigo Cláudio Marques, que de todos levarei de forma muito especial para a vida. Obrigada pela parceria, pela escuta, pela presença firme e pela amizade construída nesse percurso.

Aos donos de cada barzinho que me ofereceram ombros e escutas nos finais de semana em que o peso da graduação e do mestrado pareciam maiores do que eu podia carregar. Esses espaços também foram territórios de reconstrução.

Aos meus estudantes, que dão sentido concreto à minha escolha pela educação. Em especial aos meninos e meninas do Clube da Leitura Preta, projeto que ultrapassou a condição de iniciativa pedagógica e se tornou parte da minha vida. Cada encontro me transformou profundamente.

Aos meus seguidores que sempre emanam boas energias e se fazem presente do outro lado da telinha.

À Professora Adriana Abreu, pela generosidade intelectual, pelo incentivo constante e pela inspiração enquanto educadora comprometida.

À Professora Dailza Araújo, pela partilha de saberes, pelo apoio e pela presença formadora nessa caminhada desde quando tudo era somente um discreto sonho.

À Professora Valéria Lessa, pelas conversas potentes, pelas trocas e pela confiança depositada em mim desde a graduação.

À Professora Francys, pelo acolhimento, pelas orientações e pela contribuição significativa na minha trajetória acadêmica me mostrando que dá para ser acadêmica e não enterrar o meu lado escritora. Obrigada por vibrar em cada conquista.

À Mãe Nalva de Obaluaiê, pelo cuidado espiritual e pela firmeza que sustentou meus passos durante cada mata fechada.

A Tarcísio, Babalorixá da Casa Barro Preto, pelo acolhimento, pelos ensinamentos e pelas bênçãos.

À Diana Barreto, à Paula, a Zene e à toda a equipe que atuou em 2022 na Escola Estadual Doutor Milton Santos, escola quilombola onde tive a honra de atuar e aprender.

Se, porventura, esqueci de mencionar alguém nominalmente, peço perdão. A caminhada não é simples e os nomes são muitos. É como vocês sabem são muitos os caminhos que eu trilho, mas nesse em especial esses nomes vieram de forma mais expressa na mente. Mas todos e todas estão guardados no meu coração e fazem parte desta conquista.

Este trabalho é individual apenas na assinatura. Na essência, ele é coletivo. Quando a gira girou, vocês comigo ficaram. E por isso posso afirmar, com serenidade e verdade: eu nunca andei só.

Ao prof. dr. Daniel Valério Martins, meu orientador, pela confiança, generosidade intelectual, rigor acadêmico e acompanhamento atento durante todas as etapas desta pesquisa. A sua leveza me passou muita tranquilidade durante esse processo desafiador que é fazer nascer uma pesquisa. Obrigada, meu querido. Não foram dias fáceis, mas chegamos até aqui e com prazos cumpridos.

À profa. dra. Marise de Santana, minha coorientadora, pelas contribuições fundamentais, escuta cuidadosa e direcionamentos que enriqueceram significativamente este trabalho.

Aos(às) professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, pela sólida formação teórica, pelas provocações críticas e pelo compromisso com uma produção de conhecimento socialmente implicada.

Aos(às) funcionários(as) do Programa, pelo apoio administrativo, disponibilidade e cuidado ao longo do percurso, principalmente pelo acolhimento ao meu pequeno Otávio nos corredores do campus. Vocês são parte dessa conquista, com certeza seria mais difícil se eu tivesse que deixar o meu filho assistindo cada aula comigo. Obrigada pela generosidade e empatia de cada um, em especial a Juca.

Aos(às) funcionários(as) do ODEERE, pelo suporte institucional e pelo compromisso com a construção de uma universidade plural e comprometida com as relações étnico-raciais, em especial na pessoa de Roquelina.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), enquanto espaço de formação acadêmica, política e humana, que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – Portaria CAPES 206/2018.

O céu de repente anuviou  
E o vento agitou as ondas do mar  
O que o temporal levou  
Foi tudo que deu pra guardar  
Só Deus sabe o quanto se labutou

Custou, mas depois veio a bonança  
E agora é hora de agradecer  
Pois quando tudo se perdeu  
E a sorte desapareceu Abaixo de Deus só ficou você  
(Zeca Pagodinho, 2006)

## RESUMO

Esta pesquisa investiga como o Clube da Leitura Preta, enquanto prática pedagógica antirracista, colabora para o fortalecimento identitário de adolescentes quilombolas e mobiliza ações de enfrentamento ao racismo no município de Jequié – BA. O Clube, iniciativa que surgiu na Escola Estadual Doutor Milton Santos, no quilombo urbano do Barro Preto, constitui-se como espaço formativo voltado à leitura de obras afro-brasileiras e indígenas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada nos pressupostos da pesquisa-ação e da antropologia engajada, que considera as crenças, valores, falas, vivências e experiências dos sujeitos em sua realidade concreta. Participaram do estudo cinco adolescentes quilombolas, autodeclarados negros, pretos e pardos, bem como professoras – em atuação e aposentadas – que integraram entrevistas e atividades do Clube da Leitura Preta ao longo do processo investigativo. A produção do material empírico ocorreu ao longo de seis meses, por meio de observação participante, oficinas e registros em diário de campo. Para a análise dos dados, adotou-se o procedimento de análise de conteúdo elaborado por Bardin, tendo como principal categoria analítica as relações étnicas. Os resultados evidenciam que o Clube da Leitura Preta se constitui como uma prática pedagógica antirracista potente. As análises das produções dos adolescentes participantes demonstraram que o contato com a literatura negra e o exercício da escrevivência fomentam a construção crítica de suas identidades e reafirmam a prática educativa antirracista como forma de transformação social.

**Palavras-chave:** Adolescentes quilombolas; Circularidade; Clube de leitura; Escrevivência.

## ABSTRACT

This research investigates how the Black Reading Club, as an anti-racist pedagogical practice, contributes to the identity strengthening of *quilombola* adolescents and mobilizes actions to confront racism in the municipality of Jequié, Bahia, Brazil. The club, an initiative that emerged at Doutor Milton Santos State School, in the urban *quilombo* of *Barro Preto*, constitutes a formative space dedicated to reading Afro-Brazilian and Indigenous literary works. This is a qualitative study, grounded in the assumptions of action research and engaged anthropology, which considers the beliefs, values, speeches, life experiences, and realities of the subjects in their concrete context. Five *quilombola* adolescents, self-declared as Black, Black/Brown, and mixed-race, participated in the study, as well as teachers – both active and retired – who took part in interviews and activities of the Black Reading Club throughout the investigative process. The production of empirical material took place over six months, through participant observation, workshops, and records in a field journal. For data analysis, the content analysis procedure developed by Bardin was adopted, with ethnic relations as the main analytical category. The results show that the Black Reading Club constitutes a powerful anti-racist pedagogical practice. The analysis of the participating adolescents' productions demonstrated that contact with Black literature and the exercise of *escrevivência* (write-living) foster the critical construction of their identities and reaffirm anti-racist educational practices as a form of social transformation.

**Keywords:** *Quilombola* adolescents; Circularity; Reading club; *Escrevivência* (Write-living).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Fotografia 1</b> – Um barco de papel .....	70
<b>Fotografia 2</b> – Canoa de papel.....	70
<b>Fotografia 3</b> – Chapéu de soldado .....	71
<b>Fotografia 4</b> – Os olhos que me olhavam .....	72
<b>Fotografia 5</b> – Avião dos sonhos .....	72

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Dados socioeconômicos dos participantes do Clube da Leitura Preta .....	44
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS**

ODEERE.....	Órgão de Educação e Relações Étnicas
UESB.....	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 CAPÍTULO I: CAMINHOS TEÓRICOS.....</b>	<b>20</b>
2.1 Fundamentos Teóricos que Direcionam a Pesquisa.....	20
2.2 Construção das Relações Entre as Diferentes Etnicidades no Clube.....	24
2.3 Estado da Arte.....	28
<b>3 CAPÍTULO II: SANKOFA – ESCRIVIVÊNCIAS E A HISTORICIDADE DO CLUBE DA LEITURA PRETA .....</b>	<b>34</b>
3.1 A Posição da Pesquisadora no Campo: escrituragem e pesquisa-ação.....	41
<b>4 CAPÍTULO III: CAMINHOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>42</b>
4.1 A Metodologia que Sustenta a Circularidade dos Caminhos .....	42
4.2 Abordagens Possíveis do Clube da Leitura Preta.....	51
<b>5 CAPÍTULO IV: LETRAMENTO RACIAL COMO PRÁTICA EM CONSTRUÇÃO: .....</b>	<b>55</b>
<b>EXPERIÊNCIAS ANTIRRACISTAS NO CLUBE DA LEITURA PRETA.....</b>	<b>55</b>
<b>6 CAPÍTULO V: ETNICIDADE E SUBJETIVIDADE NEGRAS: AS ESCRIVIVÊNCIAS E RELATOS DA MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA DE ADOLESCENTES QUILOMBOLAS NO CLUBE DA LEITURA PRETA A PARTIR DAS OFICINAS REALIZADAS .....</b>	<b>62</b>
6.1 Resultados da Primeira Oficina Realizada no Clube da Leitura Preta com os Colaboradores da Pesquisa.....	69
6.2 Impressões e Narrativas dos Participantes.....	73
6.3 Análises Preliminares e Reflexões Iniciais .....	77
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>84</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Sou admirada à distância e questionada de perto, esse é o preço de uma mulher negra que não pede licença para existir, até mesmo na Academia.”

(Jessika de Oliveira, 2026)

Eu ingresso nessa travessia e logo peço licença e *bença* às minhas mais velhas e aos meus mais velhos e à minha ancestralidade que é responsável por criar todos os encontros, inclusive os não tão esperados, pois eles já sabiam os caminhos que eu precisaria traçar antes mesmo que pudesse retirar a cortina do racismo que imerge as pessoas negras nesse país. Esse caminho me levou não somente à construção de uma pesquisa acadêmica, mas também me atravessa na condição de negra, mulher, mãe, professora, escritora, agente cultural, política e apaixonada por gente como eu sou. Eu não ando só. Deus me permitiu chegar até aqui e logo, não farei os movimentos de comunicação sem pedir Agô a Exu, o grandioso Orixá dos movimentos e da comunicação, a boca que tudo come, o meu amigo. Assim como meu pai, Ogum, o Orixá da tecnologia e do ferro; e à minha mãe, Iansã por me embalar em seus ventos bem direcionados que fizeram como que eu chegasse até aqui, afrontosa, bonita, digna e de pé, pois não se derruba o vento e nem se fecha os caminhos de quem Ogum abriu.

Nessa minha trajetória de estudos acesso pela primeira vez o ensino superior, em 2013, na Universidade Federal da Bahia, onde tive a oportunidade de me relacionar com pessoas de diferentes etnicidades na Residência Federal da Bahia, espaço de moradia federal masculina, no qual ocupei em março de 2013, e passei a residir oficialmente como a primeira mulher residente na casa.

A partir desse movimento a residência passou a disponibilizar vagas de moradia também para pessoas do sexo feminino, e o espaço se mantém misto até os dias atuais. Mas foi em 2018, no município de Jequié, quando adentrei a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como aluna do curso de Letras que a minha vida acadêmica recomeçou depois de um período exclusivamente dedicado à maternidade. E então nasceu, do desejo de fomentar o antirracismo na educação básica, para adolescentes, através da literatura negra, o Clube da Leitura Preta. Eu sou escritora e tive a minha vida transformada pela escrita e leitura.

Embora exista há mais de 20 anos a obrigatoriedade do ensino da cultura afro nas escolas, por meio da lei 10.639, ainda há uma lacuna entre a teoria e a prática, a partir do momento que compreendemos a estrutura do racismo e suas performances de resistência. E ao iniciar as

minhas atividades de estagiária no Colégio Doutor Milton Santos, apesar dos avanços legais no reconhecimento da Educação Escolar Quilombola, observei que a materialização no cotidiano escolar ainda ocorre de forma fragmentada, por vezes restritas a projetos pontuais. Portanto, esta pesquisa busca analisar as relações étnicas no Clube de leitura com base nas seguintes categorias de análise: Adolescentes quilombolas; Circularidade; Clube da Leitura; Escrivência; Etnicidades. E, assim, fomentar a continuidade deste estudo em todas as suas fases sustentadas pelos autores escolhidos.

De acordo com Marise de Santana (2014), uma das fundadoras do Programa e também uma das organizadoras do livro *Odeere: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano*, o significado do nome Odeere: "ode" e "erê" vem do Yorubá, um dos principais idiomas falados por povos da etnia iorubá, originária da região oeste da África, especialmente na Nigéria. "Ode" significa "caçador" e "Erê" significa "criança" ou, em alguns contextos, "garoto" ou "menino".

O idioma Yorubá é rico em significados e tem grande influência nas religiões afrobrasileiras, como o Candomblé e outras religiões de matriz africana. A partir desse contexto, é possível entender o significado atribuído ao nome do órgão, que se constitui a partir dessa visão Yorubá: uma "criança caçadora".

Ao entrarmos nessa encruzilhada, no intuito de forjar conhecimento acadêmico, nos deparamos também com a responsabilidade social na prática, a partir de uma dinâmica coletiva de devolver para a comunidade todas as contribuições advindas. Levando em conta que a história dos povos negros ensinada nas escolas historicamente, muitas vezes, foram associandoos à escravidão, é importante construir um novo olhar a partir de uma perspectiva que discuta também as resistências, conquistas e culturas possibilitando a construção de novas narrativas, sobretudo para que o negacionismo não se perpetue nas nossas atuais e futuras gerações.

A pesquisa contou com cinco participantes, todos com 16 anos de idade e matriculados no ensino médio. No que se refere ao sexo, quatro participantes se identificam como do sexo feminino, em sua maioria e um como do sexo masculino. Em relação à raça/cor, três participantes se autodeclararam pardos, um preto e um negro. Logo, por estarem presentes desde o início podem contribuir com a expectativa da investigação do estudo, e a fim de aprofundar a pesquisa com os adolescentes quilombolas, eles foram convidados e aceitaram contribuir na construção deste debate. Consideramos esse número suficiente para o presente estudo, pois nele incluem-se pessoas de gênero e etnias diferentes, assim como moradores do quilombo e também participantes ingressos nas primeiras semanas do Clube, alguns demonstrando domínio sobre

as leituras e discussões ofertadas e outros mais reclusos. Desse modo, entendemos que esse número de colaboradores é suficiente para contribuir com o estudo pela pluralidade presente no grupo. Destaca-se que os dados dos sujeitos apresentados acima foram obtidos a partir da autodeclaração, especialmente no que se refere às categorias de raça/cor, respeitando os modos como cada participante se reconhece e se posiciona identitariamente. As cores/denominações raciais indicadas refletem, portanto, as escolhas feitas pelos próprios participantes no momento da pesquisa.

Com o intuito de assegurar os princípios éticos, os nomes utilizados ao longo do estudo correspondem a pseudônimos, uma vez que se tratam de adolescentes pertencentes a um território quilombola. Ressalta-se ainda que todos os participantes possuem a mesma idade (16 anos), elemento que contribui para certa homogeneidade etária do grupo investigado. Contudo, embora compartilhem a condição de sujeitos quilombolas, observa-se a existência de diferentes níveis de renda entre os participantes, evidenciando a diversidade socioeconômica presente no interior do território e reforçando a necessidade de análises que considerem as desigualdades internas às comunidades quilombolas.

O Colégio Estadual Doutor Milton Santos foi um divisor de águas na minha vida universitária e pessoal, pois reafirmei o meu compromisso em aprender com o outro nas possibilidades de partilha de conhecimento a partir do meu contato com aquele espaço. Assim também como a importância de desaprender algumas maneiras de ser para reaprender a partir das relações, e assim construir uma sociedade mais diversa e comprometida em combater o racismo cotidianamente. Segundo a fundadora do ODEERE – Órgão de Relações Étnicas e Contemporânea, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a professora Marise de Santana (2023, p. 15), uma das orientadoras desta pesquisa, nos diz que:

Por isso, as fronteiras são importantes para pensar os diálogos entre transmissão de conhecimento e produção de conhecimento; a reação entre os núcleos conservadores da sociedade e os coletivos negros, movimentos sociais e religiosos negros, associações negras.

A impressão nos primeiros encontros era de que os participantes estavam ali apenas para cumprir horário, mesmo não sendo obrigatório, como uma espécie de passatempo. Com o passar dos meses, no entanto, observou-se um movimento inverso, marcado pela construção de vínculos, pela aproximação afetiva com as leituras e pela ressignificação do espaço do clube. Essa mudança de postura suscitou inquietações que atravessam esta pesquisa, ao provocar reflexões sobre o papel da literatura negra na formação de adolescentes quilombolas, sobre os

processos de identificação e pertencimento e sobre as possibilidades de construção de práticas educativas antirracistas no contexto escolar.

Como argumenta Almeida (2019), o racismo estrutural não se manifesta apenas em desigualdades materiais, mas também na produção de subjetividades, influenciando profundamente a forma como os sujeitos se percebem, se nomeiam e se posicionam no espectro racial. Dessa forma, a variação nos termos utilizados pelos participantes para a autodeclaração racial evidencia tanto o caráter subjetivo e político da identidade racial quanto os efeitos das hierarquias raciais internalizadas na sociedade brasileira.

Esse entendimento foi ampliado por meio das atividades desenvolvidas no clube de leitura, nas quais os estudantes tiveram contato com textos de autores que problematizam o racismo, o retintismo<sup>1</sup> e a construção social da raça. O processo de letramento racial e as discussões promovidas nesse espaço contribuiriam para que os estudantes refletissem criticamente sobre suas próprias identidades e se posicionassem de maneira mais consciente em relação a como se identificam racialmente.

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar de que maneira o Clube da Leitura Preta contribui enquanto espaço formativo para o letramento racial de adolescentes quilombolas e como fortalece a luta contra o racismo. Para tanto, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: a) apresentar o Clube da Leitura Preta como espaço de fortalecimento identitário de adolescentes quilombolas em Jequié; b) Destacar as narrativas de adolescentes quilombolas e o seu reconhecimento e pertencimento étnico e a construção da memória coletiva do grupo; c) Compreender como o Clube da Leitura Preta, por meio da literatura negra e do letramento racial crítico, tensiona e amplia as práticas pedagógicas escolares.

Por fim, à medida em que conheço os movimentos da circularidade defendidos pelo saudoso Nêgo Bispo, os identifico como uma ferramenta potente na construção desta pesquisa. O conceito de "circularidade" é central na obra de Antônio Bispo dos Santos, conhecido como

---

<sup>1</sup> Retintismo é uma categoria político-identitária que enfatiza a experiência específica de pessoas negras de pele retinta, reconhecendo que, dentro da hierarquia racial produzida pelo racismo, quanto mais escura a pele, maior tende a ser a incidência de discriminação. O termo surge no interior dos debates sobre colorismo, conceito amplamente difundido por autoras como Alice Walker, que definiu colorismo como a discriminação baseada na tonalidade da pele entre pessoas do mesmo grupo racial. No contexto brasileiro, o retintismo aparece como: uma forma de autoafirmação política; um marcador de experiência social diferenciada dentro da negritude e uma crítica às desigualdades internas produzidas pela lógica do embranquecimento. Com base na definição de colorismo proposta por Alice Walker (1983), que compreende a discriminação baseada na tonalidade da pele dentro do próprio grupo racial, retintismo pode ser entendido como uma afirmação identitária de pessoas negras de pele mais escura (retinta), que reconhecem que, na lógica do racismo, quanto mais escura a pele, maior tende a ser a incidência de exclusão, violência simbólica e marginalização. Assim, o retintismo não rompe com a identidade negra coletiva, mas evidencia que o racismo opera de forma gradativa e hierarquizada, estabelecendo privilégios relativos para pessoas de pele mais clara e intensificando desigualdades para pessoas retintas.

---

Mestre Nêgo Bispo, especialmente em seu livro *Colonização, Quilombos: Modos e Significações* (2015). Neste livro, ele propõe uma abordagem contra colonialista e afrodiaspórica, utilizando a estrutura "começo – meio – começo" para ilustrar uma visão circular e não-linear da existência e do conhecimento, desafiando as narrativas coloniais e promovendo uma compreensão mais integrada e plural da realidade.

Poderia não ter escolhido essa direção na encruzilhada, mas optou-se por enfrentar o sistema e promover as confluências entre esses grupos étnicos para pensar uma sociedade com mais respeito às diferenças, sustentada na ideia de que somos continuidade. Essa perspectiva dialoga com Paulo Freire (1991), que, ao abordar o círculo da cultura, destaca a importância da formação da consciência crítica na perspectiva de construção de um projeto de mundo mais equânime. Esse estudo caminha sustentado por teóricos reconhecidos e conceituados no campo desta discussão.

Para fundamentar esta análise, recorre-se aos aportes teóricos de Nilma Lino Gomes (2017) e Boaventura de Sousa Santos (2015). A obra de Gomes propõe uma escuta atenta às epistemologias originárias dos territórios tradicionais e à valorização dos movimentos negros como agentes educativos. Santos, por sua vez, enfatiza a importância dos movimentos da partilha do conhecimento.

No campo das etnicidades, mobiliza-se o pensamento de autores como Roberto Cardoso de Oliveira (1976), Fredrik Barth (1969), Manuela Carneiro da Cunha (2007), Max Weber (1922), Peter Wade (2000), Livio Sansone (2003), Stuart Hall (2006), Kabengele Munanga (2004) e Marise de Santana (2017), que contribuem para a compreensão dos processos de construção identitária e dos marcadores étnico-raciais nas interações sociais.

A escrevivência, conceito elaborado por Conceição Evaristo (2018), é articulada junto à noção de performance e memória em Leda Martins (2021), sendo ambas fundamentais para a leitura dos textos produzidos pelos sujeitos da pesquisa como narrativas de si, entrelaçadas à experiência coletiva. A circularidade, enquanto prática pedagógica e relacional no Clube da Leitura, é iluminada por Nego Bispo (2021), sendo compreendida a partir dos saberes afrobrasileiros e afro-diaspóricos. A dimensão quilombola, por sua vez, é enriquecida pelos estudos de Beatriz Nascimento (2021), que compreende o quilombo como um espaço de enraizamento, proteção e reinvenção do viver negro. Assim, os escritos analisados são compreendidos como espaços de elaboração de sentidos que transitam entre o pessoal e o coletivo, entre o vivido e o ancestral.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: no Capítulo I, dedicado ao referencial teórico, são apresentados os autores e conceitos fundamentais que sustentam esta investigação. Nele, discute-se o objeto de estudo, os objetivos e as categorias de análise, ancoradas no pensamento de autores como Antônio Bispo dos Santos (2011), Paulo Freire (2011), Manuela Carneiro da Cunha (2007) e Stuart Hall (2006). Além disso, destaca-se a contribuição de outros estudiosos como Conceição Evaristo, Grada Kilomba, Riane Leão, Silvio Almeida, Carolina de Jesus e Lélia Gonzalez, cujas obras fundamentaram a curadoria literária e as atividades propostas no Clube da Leitura Preta.

No Capítulo II, intitulado Sankofa: escrevivências e a historicidade do Clube da Leitura Preta desenvolveram-se três eixos centrais: primeiro, uma reflexão sobre o movimento de Sankofa e sua importância como referencial filosófico-educativo; segundo, o estado da arte; e terceiro, a historicidade do Clube da Leitura Preta, o que inclui uma contextualização sobre o perfil da pesquisadora-autora.

O Capítulo III, denominado Caminhos Metodológicos, trata do período de observação, oficinas, entrevistas, diário de campo para coleta dos dados com os colaboradores do estudo.

No capítulo IV, chamado de Letramento Racial como Prática em Construção: experiências antirracistas no Clube da Leitura Preta foi abordada a análise dos dados obtidos, por meio da aplicação de duas oficinas e observações no diário de campo durante os encontros e as considerações finais.

No Capítulo V, intitulado Etnicidade e Subjetividade Negras: as escrevivências e relatos da memória e identidade coletiva de adolescentes quilombolas no Clube da leitura preta a partir das oficinas realizadas, são apresentadas as vivências concretas dos participantes. O capítulo analisa como as oficinas funcionaram como campo empírico para observar a construção de identidades, as práticas de leitura e a memória social, revelando movimentos de resistência e a ressignificação das trajetórias dos adolescentes através da partilha de saberes ancestrais.

Por fim, nas Considerações Finais, sintetizam-se os resultados da pesquisa-ação, reafirmando a importância dos espaços de escuta e expressão para a afirmação da etnicidade e o fortalecimento do letramento racial no contexto quilombola.

## **2 CAPÍTULO I: CAMINHOS TEÓRICOS**

### **2.1 Fundamentos Teóricos que Direcionam a Pesquisa**

Este capítulo apresenta os caminhos teóricos que fundamentam a análise do Clube da Leitura Preta enquanto prática educativa antirracista, situada em um território quilombola e voltada para adolescentes. As categorias teóricas aqui mobilizadas – clube da leitura, circularidade, escrevivência, adolescentes quilombolas e etnicidades – não são compreendidas de forma isolada, mas articuladas entre si, compondo uma base interpretativa que permite compreender os processos de construção identitária, produção de sentidos e enfrentamento ao racismo no contexto investigado. A escolha dessas categorias dialoga com o compromisso epistemológico da pesquisa em valorizar saberes situados, experiências vividas e práticas educativas que rompem com modelos euro centrados e universalizantes de conhecimento.

Assim, o referencial teórico mobilizado reconhece os sujeitos da pesquisa como produtores de saber, inseridos em dinâmicas históricas, culturais e territoriais específicas. O clube da leitura, no âmbito desta pesquisa, é compreendido para além de um espaço de incentivo à leitura, configurando-se como uma prática educativa coletiva, atravessada por dimensões políticas, culturais e identitárias.

Diferentemente de propostas tradicionais de leitura escolar, o Clube da Leitura Preta se estrutura a partir da centralidade da literatura negra, da escuta, do diálogo e da partilha de experiências, constituindo-se como um espaço de formação crítica. Nilma Lino Gomes (2017) contribui para essa compreensão ao afirmar que práticas educativas antirracistas são aquelas que problematizam as desigualdades raciais, valorizam a história e a cultura negra e promovem processos de reconhecimento e afirmação identitária.

Nesse sentido, o clube da leitura atua como um dispositivo pedagógico que tensiona o currículo escolar hegemônico e amplia as possibilidades de letramento racial. A leitura, nesse contexto, não se limita à decodificação de textos, mas envolve a produção de sentidos a partir das experiências dos sujeitos. Paulo Freire (2014) já apontava que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o que permite compreender o clube como um espaço em que os adolescentes quilombolas leem textos, mas também leem a si mesmos, seus territórios e suas histórias.

A noção de circularidade constitui um dos eixos centrais desta pesquisa. Inspirada no pensamento de Nêgo Bispo (Santos, 2015), a circularidade rompe com a lógica linear e hierarquizada do conhecimento, propondo uma compreensão em que saberes circulam, se recriam e se atualizam continuamente. Para o autor, “somos começo, meio e começo”, o que evidencia uma concepção de tempo e conhecimento vinculada à ancestralidade e à coletividade. No Clube da Leitura Preta, a circularidade se expressa nas dinâmicas de leitura, fala e escuta, em que não há um saber único ou centralizado, mas múltiplas vozes que constroem sentidos

coletivamente. As experiências dos adolescentes, da educadora e da comunidade dialogam com os textos literários, produzindo um movimento contínuo de troca e ressignificação.

Essa perspectiva também dialoga com Leda Martins (2021), ao compreender a oralidade, o corpo e a memória como dimensões fundamentais da produção de conhecimento nas culturas afrodiáspóricas. Assim, a circularidade se apresenta como princípio organizador das práticas do clube e como fundamento teórico para a análise das interações e aprendizagens observadas.

A categoria *escrevivência*, cunhada por Conceição Evaristo (2018), ocupa lugar central nos caminhos teóricos desta pesquisa. No contexto do Clube da Leitura Preta, a *escrevivência* se manifesta tanto nas obras literárias trabalhadas quanto nas narrativas orais e escritas produzidas pelos adolescentes quilombolas. A leitura de autoras e autores negros possibilita processos de identificação e reconhecimento, ao mesmo tempo em que legitima experiências historicamente silenciadas no espaço escolar.

A *escrevivência*, articulada à circularidade, amplia a compreensão de leitura e escrita como práticas que extrapolam o texto escrito, envolvendo corpo, emoção, memória e território. Nesse sentido, ela se configura como uma categoria teórica e metodológica, atravessando a produção do conhecimento e a própria escrita da pesquisa. Os adolescentes quilombolas são compreendidos nesta pesquisa como sujeitos históricos e culturais, inseridos em dinâmicas territoriais específicas e atravessados por relações raciais, sociais e geracionais. A condição quilombola não se restringe a um marcador jurídico, mas envolve pertencimento, memória coletiva e relação com o território, conforme apontam Beatriz Nascimento (2021) e Manuela Carneiro da Cunha (2007).

A adolescência, nesse contexto, é entendida como uma fase de intensos processos de construção identitária, nos quais a escola e as práticas educativas exercem papel fundamental. O Clube da Leitura Preta atua como um espaço de mediação, possibilitando que esses adolescentes elaborem suas identidades, a partir de referências positivas da negritude e da ancestralidade. Kabengele Munanga (2004) destaca que a identidade negra é construída em um contexto marcado pelo racismo estrutural, o que torna fundamental as práticas educativas que promovem o reconhecimento e a valorização da história e da cultura afro-brasileira. O clube, portanto, contribui para a construção de identidades afirmadas e para o fortalecimento do pertencimento étnico-racial.

A noção de etnicidade que orienta esta pesquisa compreende as identidades étnicas como construções sociais e históricas, produzidas a partir das interações entre grupos e sujeitos em contextos específicos. Nesse sentido, Fredrik Barth (1969) desloca a compreensão da etnicidade de um conjunto fixo de traços culturais para os processos relacionais que delimitam fronteiras

simbólicas entre grupos. Para o autor, “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação feitas pelos próprios atores” (Barth, 1969, p. 10), o que evidencia o caráter dinâmico e situacional da etnicidade.

Essa abordagem permite compreender que o pertencimento quilombola não se define exclusivamente por práticas culturais cristalizadas, mas por experiências compartilhadas, vínculos territoriais e processos de reconhecimento coletivo. Cardoso de Oliveira (1976) contribui para essa leitura ao afirmar que as identidades étnicas se constituem no interior de relações sociais marcadas por disputas simbólicas e assimetrias de poder. Segundo o autor, a identidade étnica “não existe fora de uma situação de contato” (Cardoso de Oliveira, 1976, p. 7), o que reforça a importância de analisar os contextos escolares e comunitários em que os adolescentes quilombolas elaboram suas identidades.

Manuela Carneiro da Cunha (2007) aprofunda essa discussão ao problematizar concepções essencialistas de cultura. Para a autora, a cultura não pode ser entendida como um conjunto estável de traços, mas como um processo vivo, continuamente recriado pelos sujeitos. Cunha (2007, p. 311) afirma que, “a cultura não é um repertório fixo de conteúdos, mas um conjunto de práticas e significados em constante transformação”. Essa compreensão é fundamental para esta pesquisa, pois permite analisar o Clube da Leitura Preta como um espaço de produção e atualização cultural, no qual saberes ancestrais e experiências contemporâneas se articulam.

No contexto quilombola, a cultura assume também um caráter político, relacionado à luta por reconhecimento, território e dignidade. Beatriz Nascimento (2021) compreende o quilombo como uma categoria histórica que ultrapassa a ideia de refúgio do passado, constituindo-se como uma forma de organização social e política. Para Nascimento (2021, p. 45), o quilombo representa “uma continuidade histórica de resistência negra”, o que permite compreender os adolescentes quilombolas como sujeitos herdeiros de uma memória coletiva de luta e afirmação.

As identidades construídas nesses contextos dialogam com o pensamento de Stuart Hall (2006), para quem a identidade não é fixa nem essencial, mas um processo em permanente construção. Hall (2006, p. 10) destaca que “as identidades são produzidas dentro e não fora do discurso”, o que possibilita compreender o papel da literatura negra e das práticas de leitura na produção de novas narrativas sobre si e sobre o mundo.

Sendo assim, o Clube da Leitura Preta se configura como um espaço privilegiado de mediação simbólica, em que os adolescentes quilombolas entram em contato com narrativas que tensionam estigmas e produzem referências positivas da negritude. Kabengele Munanga (2004) afirma que a construção da identidade negra no Brasil ocorre em um contexto marcado pelo racismo estrutural, no qual a escola historicamente contribuiu para a desvalorização da

população negra. Para Munanga (2004, p. 33), “a identidade negra se constrói em oposição a um sistema que inferioriza o negro”, o que torna fundamentais as práticas educativas comprometidas com a valorização da história e da cultura afro-brasileira.

A categoria *escrevivência*, formulada por Conceição Evaristo, dialoga diretamente com essas discussões ao afirmar a experiência como fonte legítima de conhecimento. Segundo Evaristo (2018, p. 11), a *escrevivência* nasce do entendimento de que “a nossa escrita não é para adormecer os da casa-grande, mas para acordá-los de seus sonos injustos”.

No contexto do Clube da Leitura Preta, a *escrevivência* se manifesta tanto nas obras lidas quanto nas narrativas produzidas e compartilhadas pelos adolescentes, permitindo que suas experiências sejam reconhecidas como saber. Essa perspectiva se articula à noção de circularidade, inspirada no pensamento de Nêgo Bispo, ao afirmar que o conhecimento não se organiza de forma linear. Santos (2015) destaca que a circularidade compreende o saber como um movimento contínuo de retorno e recriação, no qual passado, presente e futuro se interligam. Para Santos (2015, p. 89), “somos começo, meio e começo”, o que reforça a centralidade da ancestralidade e da coletividade nos processos de produção do conhecimento.

Paulo Freire (2014) também sustenta essa compreensão ao afirmar que a educação deve ser um processo dialógico e emancipatório. Conforme Freire (2014, p. 96), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si”, o que dialoga diretamente com as práticas desenvolvidas no Clube da Leitura Preta, baseadas na escuta, no diálogo e na construção coletiva de sentidos.

## **2.2 Construção das Relações Entre as Diferentes Etnicidades no Clube**

Para aprofundar o debate construído neste estudo é fundamental compreender conceitos como raça, etnia e identidade étnico-racial, pois estamos dialogando sobre um espaço que recebe pessoas de diferentes etnicidades. A construção das relações entre as diferentes etnias no Brasil é um reflexo de sua história complexa e da diversidade cultural existente. Compreender essas relações exige uma análise crítica das estruturas sociais e históricas que moldam a sociedade e implica um compromisso contínuo com a promoção da igualdade e do respeito às diferenças.

Aqui trataremos os conceitos de acordo com estudiosos das respectivas áreas e suas principais contribuições. E arrolados ao pensamento de Kabengele Munanga (1999, p. 13), podemos refletir que:

No caminho da luta pela mobilização e conscientização de seus membros, grandes vítimas da sociedade, os movimentos sociais encontram numerosos obstáculos, entre outros a inércias e as forças das ideologias e das tradições, passadas e presentes. Remover esses obstáculos exige a construção de novas ideologias, capazes de atingir as bases populares e convencê-las de que, sem adesão às novas propostas, serão sempre vítimas fáceis da classe dominante e de suas ideologias.

O autor supracitado nos chama a atenção para um ponto muito importante que é conhecer sobre as estratégias de dominação para não as aderir. Assim, à medida em que temos conhecimento sobre alguns conceitos, podemos estar atentos, enquanto movimento, às ideologias dominantes e os seus obstáculos na construção de uma sociedade mais equânime. Pensando a partir desse entendimento, apresentaremos aqui alguns conceitos que embasam a discussão. Um deles é o conceito de raça, que apoiado nos estudos de Munanga (2004, p. 1), nos diz que:

Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial. Dessa forma, seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado.

Essa observação de Munanga (2004, p. 1) nos alerta para o fato de que raça não é uma categoria fixa, mas sim, uma construção histórica e social que adquire diferentes significados conforme o tempo e o lugar. Ao reconhecer seu campo semântico mutável, compreendemos que os sentidos atribuídos à raça são fruto de disputas de poder, interesses políticos e processos de dominação colonial.

No Brasil, o conceito de raça foi utilizado historicamente para hierarquizar corpos, justificar a escravidão e naturalizar desigualdades. No período pós-abolição, os discursos científicos do racismo – vestidos de neutralidade, sustentaram teorias eugenistas e políticas de branqueamento. Esses sentidos, ainda que reformulados, permanecem operando nas estruturas sociais, afetando o acesso à educação, saúde, território e à representatividade. Discutir raça, portanto exige historicizar o conceito e desnaturalizar seus usos.

É nesse contexto que intelectuais negros, como Kabengele Munanga, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento e Nilma Lino Gomes propõem um deslocamento epistêmico: pensar a raça como um marcador social que precisa ser enfrentado, não apenas por meio de políticas públicas, mas também, por intermédio de ações educativas e culturais decoloniais que promovam letramento racial e reconhecimento da diversidade étnico-racial.

Falar sobre raça ainda incomoda, pois expõe feridas abertas, silenciamentos e desigualdades que continuam sendo naturalizadas em muitos espaços, inclusive nas escolas e nos currículos.

Portanto, discutir o conceito de raça com responsabilidade implica também, escutar outras vozes, especialmente aquelas que foram historicamente silenciadas.

É nesse movimento que a produção de autores e autoras negras se torna indispensável, pois não apenas questiona os sentidos impostos pela colonialidade, mas também propõe novos modos de existência, conhecimento e reconhecimento. Como no Clube da Leitura Preta, por exemplo, onde o espaço é utilizado para dar não somente início, mas também continuidade a discussões que surgem por meio do acesso a obras de autoria negra e indígena no projeto.

Nesse cenário, iniciativas como o Clube da Leitura Preta ganham relevância, pois atuam como espaços de escuta, valorização e afirmação das identidades étnicas historicamente apagadas. No Clube, observa-se a emergência de vozes quilombolas, negras e periféricas que, ao entrarem em contato com obras de autoras e autores negros, reconfiguram as suas próprias narrativas e produzem deslocamentos importantes no modo como se veem e se posicionam no mundo. As dinâmicas étnicas ali presentes não são homogêneas nem livres de tensões, mas se constroem justamente na convivência, na partilha e na escuta de experiências diversas, muitas vezes marcadas por desigualdades, mas também por solidariedade e reconhecimento mútuo.

Assim, o Clube da Leitura Preta torna-se não apenas um espaço literário, mas um território simbólico de reconstrução identitária e de enfrentamento das heranças coloniais que ainda estruturam as relações entre as diferentes etnicidades no Brasil. E isso já é reconhecido não somente pela comunidade, mas também por outras organizações que constroem o enfrentamento ao racismo e as desigualdades no país.

Durante as primeiras observações realizadas nos encontros do Clube da Leitura Preta, pôde-se perceber que o espaço tem funcionado como um catalisador para o reconhecimento e a valorização das identidades étnicas entre os(as) adolescentes quilombolas participantes. Por meio da leitura de obras de autoras, como Conceição Evaristo (Becos da Memória), Elisa Lucinda (Aviso da Lua que Menstrua) e Carolina Maria de Jesus (Quarto de Despejo), os adolescentes não apenas se identificam com as narrativas lidas, mas também passam a construir suas próprias formas de estar no mundo. Segundo a autora Conceição Evaristo (2018 p.23), apresentada aos participantes do Clube:

A escrevivência não nasce do nada. Ela vem da escuta atenta da vida dos outros, da memória ancestral, daquilo que me atravessa enquanto mulher negra, favelada, e do que me cerca como realidade social.

Esse trecho da querida Conceição Evaristo nos permite compreender que a escrevivência ultrapassa a noção tradicional de escrita literária como exercício técnico ou distanciado.

Escrever, nesse caso, é um gesto político, enraizado na experiência vivida e no corpo que sente, escuta e resiste.

No contexto do Clube da Leitura Preta, esse conceito ganha materialidade quando os(as) estudantes quilombolas passam a reconhecer em suas histórias cotidianas – muitas vezes marcadas por silêncio, dor e invisibilidade – o potencial de narrativas legítimas e potentes que se materializam nas produções autorais deles. Durante os círculos de leitura, foi possível perceber também o movimento de circularidade de saberes conforme nos diz Leda Martins, em sua obra *A Performance do Tempo Espiral: poéticas do corpo-tela* (2021, p. 35), “a circularidade enunciativa do discurso afro-diaspórico não separa palavra, corpo e gesto. A palavra não é apenas dita, mas também dançada, cantada, encenada. [...] Saber e dizer estão enlaçados.”

É possível perceber os conhecimentos ancestrais, familiares e comunitários se encontrando no espaço para se manifestar e dialogar com os textos literários. Ao invés de uma leitura unilateral, observa-se uma prática coletiva, onde os sentidos são construídos a partir da escuta e da fala de cada participante. A circularidade enunciativa se manifesta não apenas nas leituras em voz alta, mas nas reações corporais, nas falas atravessadas por memórias afetivas, nas expressões artísticas que acompanham os textos – como desenhos, músicas e performances espontâneas criadas pelos(as) estudantes que foi possível perceber na interação com eles. Com isso, esta pesquisa também valoriza o que Paulo Freire (2000, p. 45) chamaria de educação como prática da liberdade:

A educação como prática da liberdade implica uma superação da educação como prática da dominação. [...] Exige uma reflexão crítica sobre a própria prática, de modo que os oprimidos possam transformar-se em sujeitos de sua própria história.

A prática educativa só se realiza plenamente quando rompe com o modelo bancário e verticalizado, que silencia os sujeitos e os reduz a recipientes de conteúdos prontos. No contexto do Clube da Leitura Preta, essa superação se concretiza na medida em que os(as) participantes não apenas leem, mas problematizam, sentem e reescrevem o mundo a partir de suas vivências. Os encontros do clube revelam uma pedagogia que se constrói no diálogo, na escuta ativa e na valorização dos saberes que os(as) estudantes já carregam consigo – saberes esses muitas vezes desconsiderados no ambiente escolar tradicional.

Nesse processo, a leitura deixa de ser uma atividade escolar obrigatória para se tornar uma ferramenta de emancipação. Os textos literários atuam como disparadores de reflexão crítica, mas também como espelhos e pontes: espelhos que refletem realidades apagadas, e pontes que

ligam a experiência individual à memória coletiva. O clube, assim, encarna a educação como prática da liberdade, pois não forma apenas leitores, mas sujeitos políticos conscientes de sua trajetória e de seu papel na transformação do mundo.

As relações interétnicas também aparecem de maneira complexa nas falas dos(as) jovens, como veremos nos dois últimos capítulos. Embora o grupo seja majoritariamente composto por estudantes quilombolas, as trocas entre diferentes experiências (negras, pardas, indígenas, brancas periféricas) revelam tanto pontos de tensão quanto de solidariedade. É justamente nesse espaço de convivência e confronto simbólico que as dimensões da etnicidade vão se revelando, permitindo aos participantes compreenderem melhor os mecanismos sociais que operam o racismo, mas também as formas possíveis de resistência coletiva.

Além disso, os dados sugerem que o clube tem contribuído para o letramento racial, promovendo debates sobre colorismo, identidade, autoimagem, ancestralidade e trajetórias de vida. Esse processo, ainda em construção, demonstra a potência de projetos culturais e educativos que rompem com a lógica escolar tradicional e reconhecem os sujeitos em sua inteireza.

### **2.3 Estado da Arte**

As relações étnicas no Brasil são resultado de um processo histórico, longo e complexo contextualizado por diversas tensões. Desde o período colonial, quando a escravidão de africanos foi institucionalizada e os povos indígenas foram violentamente escravizados, a sociedade brasileira foi construída sobre bases desiguais. E isso se reflete até os dias de hoje como um legado que atravessa as minorias. O racismo é um projeto perfeito de resistência, pois se faz presente de forma estruturada em todos os espaços da nossa sociedade, na sua forma velada ou escancarada. Silvio Almeida (2019, p.15) coloca que:

O racismo estrutural é concebido pelo autor como um fenômeno eminentemente histórico e político, devendo ser combatido por todos e todas as pessoas. Ao negar a existência do racismo reverso, o autor chama a atenção para a ideia de que o racismo é um processo eivado de historicidade, o que revela o seu caráter estrutural, manifestando-se, segundo o autor, na ideologia, na política, no direito e na economia.

Com a abolição formal da escravidão em 1888, essas desigualdades não acabaram, pelo contrário, elas ressoam nas estruturas sociais, nas oportunidades e nos discursos que moldam o cotidiano de milhões de brasileiros, sobretudo de pessoas negras. O antropólogo e intelectual brasileiro-congolês, nascido na República Democrática do Congo, Kabengele Munanga, em

uma entrevista para a TV USP, no programa Travessia (2012), destaca a importância da consciência da ancestralidade múltipla do povo brasileiro e a necessidade de políticas de inclusão, especialmente para os negros, em todos os setores da vida nacional.

É nesse contexto de luta por reconhecimento e inclusão, destacado por vozes como a de Munanga, que o Clube da Leitura Preta nasce, em 2022, na cidade de Jequié-BA, a partir do meu estágio de graduação na escola Estadual Doutor Milton Santos, uma escola quilombola situada no quilombo urbano do Barro Preto, no município. A iniciativa surgiu como uma forma de retribuir um pouco para a comunidade as descobertas sobre identidade e acessos a letramento raciais que tive na universidade. Minha própria vivência escolar foi marcada pela ausência desses diálogos, e acredito que eles são transformadores para a experiência de estudantes, sobretudo negros, na educação básica.

Atualmente o projeto funciona com encontros virtuais pela plataforma *Google Meet* e com encontros presenciais mensais no Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE). A iniciativa promove a socialização dessas leituras como caminhos para novas reflexões acerca da construção da identidade e do respeito às diferenças, assim como o enfrentamento ao racismo. Algumas universidades públicas e escolas do Estado da Bahia, tais como a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Universidade Federal da Bahia, Colégio Estadual Doutor Milton Santos, Colégio Estadual de Jequié, Colégio Estadual de Tempo Integral José Ribeiro Pamponet e Colégio Firmo Nunes, reconhecem a importância do Clube em suas respectivas atividades e também, na promoção das relações étnicas. A Câmara municipal de vereadores de Jequié e a Câmara municipal de vereadores de Baixa Grande concederam moções de aplausos pelo desenvolvimento do trabalho educativo no enfrentamento ao racismo nos municípios e o impacto gerado nessas circulações.

Kabengele, em sua obra *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra* (1999), propõe analisar como se processaram as identidades em solo nacional do ponto de vista biológico, social, cultural, econômico e político. A partir disso, pode-se pensar como se configura a construção da identidade de forma coletiva juntamente a todos os elementos que a compõem.

A identidade negra é de difícil aceitação quando compreendemos os efeitos da violência étnica e racial na contemporaneidade. Desse modo, é importante se pensar em estratégias para o enfrentamento desse problema que se faz presente em todo o país. Dentro deste cenário, podemos citar como exemplo a Bahia, o Estado que tem a maior população de pessoas negras no mundo fora da África, e apesar da presença africana se fazer fortemente visível na cultura,

na religião, na linguagem e nas formas de organização social o número de pessoas afetadas pelo racismo é crescente.

Em 19 de novembro de 2018, o Ministério Público lançou um aplicativo que possibilita o registro de casos de racismo e intolerância religiosa sofridos ou testemunhados na Bahia, buscando, a partir dessa ferramenta, meios de intervir e enfraquecer o racismo.

Existem uma série de políticas e leis para combater o racismo, no entanto, apesar dos avanços ainda temos enquanto sociedade um longo caminho pela frente na construção de espaços mais equânimes, sobretudo as escolas. Como observa a Nilma Lino Gomes, pedagoga e ex-ministra da igualdade no Brasil: pensar a relação entre escola e identidade negra é questionar não só os negros sobre a questão racial, mas também os sujeitos que pertencem a outros segmentos étnico/raciais com os quais eles convivem.

A afirmação da negritude exerce pressão sobre o outro, em especial sobre o branco, e o questiona no seu suposto lugar de quem vive uma situação já dada e já conquistada, no seu suposto isolamento etnocêntrico e lhe revela quão impregnado o branco brasileiro está da negritude e das africanidades que muitos ainda insistem em negar. (Gomes, 2003, p. 176).

Diante disso, é importante pensar nas possibilidades que o ambiente escolar pode proporcionar, assim como nas ferramentas disponíveis o enfrentamento ao racismo. E logo, contextualizamos o município de Jequié, situado no interior da Bahia, onde podemos observar que há um panorama revelador das relações étnico-raciais vividas de forma intensa e, ao mesmo tempo, por vezes silenciadas.

Frente a essa realidade, espaços como clubes de leitura têm se revelado como alternativas criativas e potentes para estimular o diálogo sobre racismo, identidade e pertencimento, além do fomento à diversidade e inclusão ao abrir caminho para a leitura apenas de autores negros e indígenas, tais como: Conceição Evaristo, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Bianca Santana, Silvio Almeida, Ailton Krenak, Jessika de Oliveira, Livia Natália, Carolina de Jesus, Riane Leão, Elisa Lucinda e outros nomes.

O Clube da Leitura Preta se destaca entre iniciativas que possibilitam uma reconfiguração de referências culturais e incentivam uma leitura crítica da realidade, especialmente entre adolescentes. Nas rodas de leitura, a literatura deixa de ser apenas conteúdo escolar e se transforma em ferramenta de afirmação, resistência e construção de autoestima.

Levantamentos preliminares no *Google Acadêmico* demonstraram uma lacuna significativa: não há notificação de projetos no município de Jequié, como o Clube da Leitura Preta, cuja centralidade se dá pela discussão sobre o enfrentamento ao racismo e as

desigualdades por meio da leitura de obras de autoria negra e indígenas. Isso corrobora a necessidade e a pertinência social do presente estudo.

Além disso, ao consultar educadores, gestores e pessoas da comunidade externa, obteve-se dados que reforçam o Clube da Leitura Preta como organização pioneira que inspira outros programas no combate ao racismo por meio da leitura de autorias negras.

As contribuições das professoras com atuação tanto na rede estadual, quanto na rede municipal de Jequié, foram coletadas como parte de uma etapa qualitativa da pesquisa, cujo objetivo é compreender, na perspectiva dos agentes educativos, a presença (ou ausência) de iniciativas voltadas para a leitura de literatura de autoria negra e indígena nas escolas locais.

Esses questionamentos emergiram da necessidade de mapear práticas efetivas e identificar possíveis lacunas no campo da educação antirracista e intercultural, temas que vêm ganhando destaque nas políticas públicas educacionais. A escolha por ouvir diretamente as professoras que atuam no cotidiano escolar e conhecem de perto a realidade dos alunos e das escolas está alinhada com uma metodologia qualitativa, que valoriza as percepções e experiências dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Dessa forma, os depoimentos não apenas enriquecem a análise, mas também trazem à tona a voz de quem vivencia as práticas e os desafios, como serão apresentadas no capítulo IV. Além disso, tais falas ilustram a importância de espaços como o clube e sinalizam também os ônus da sua ausência.

Ao iniciar um mapeamento de iniciativas a partir dessa perspectiva, conhecemos movimentos como o Empretecer, no Colégio Estadual Paulo Freire, um projeto que tem em suas atividades o incentivo à leitura de escritoras negras na circulação de suas obras, para adolescentes. O projeto Leitores do Quilombo, no Colégio Estadual Doutor Milton Santos e o incentivo a criação desses Clubes pelo Núcleo Territorial de Educação de Jequié.

Enquanto educadora e mobilizadora social, acredito no movimento da circularidade do conhecimento, arrolada pelo pensamento de Santos (2015), que diz que somos começo, meio e começo. Referindo-se a uma das formas de continuidade da nossa ancestralidade, sobretudo por terem como colaboradores, os adolescentes que são possivelmente os futuros cidadãos responsáveis pelo direcionamento da nossa sociedade. Quando falamos sobre essas temáticas ainda somos questionados, pois afinal de contas já existem leis obrigatórias do ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, como a Lei nº 10.639/2003, sancionada em 9 de janeiro de 2003 e a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, assim como capacitações para profissionais.

No entanto, nós que atuamos diretamente na educação básica, conhecemos a lacuna existente entre a teoria e a prática na estrutura. Ainda que amparada por lei, a implementação

de propostas de letramento racial nas escolas segue desafiadora para os profissionais da educação. Entre os obstáculos, destacam-se a concentração dessas atividades no mês de novembro, mês da consciência negra, em detrimento de uma abordagem contínua, e a dificuldade inerente ao processo de desaprender práticas enraizadas, a fim de consolidar novas posturas.

Além disso, a implementação de práticas pedagógicas antirracistas exige dos educadores não apenas a aquisição de novos conhecimentos, mas também a disposição para desaprender concepções, discursos e metodologias historicamente naturalizadas que, muitas vezes, reproduzem desigualdades raciais. Esse processo de desaprendizagem é complexo, pois implica revisar posicionamentos pessoais, práticas institucionais e estruturas curriculares que sustentam a manutenção do racismo estrutural no cotidiano escolar, conforme aponta Almeida (2019).

Nesse contexto, iniciativas como o clube de leitura apresentado nesta pesquisa demonstram o potencial de ações formativas contínuas que promovem o letramento racial e possibilitam a construção de espaços de escuta, reflexão e diálogo entre os estudantes.

Ao entrar em contato com produções teóricas de autores negros e com narrativas que problematizam o racismo e a identidade racial, os alunos ampliam suas referências e passam a elaborar de forma mais consciente suas autodeclarações e posicionamentos identitários. Tais experiências evidenciam que a escola pode e deve assumir um papel ativo na formação crítica dos sujeitos, indo além do cumprimento formal da legislação.

Dessa forma, conclui-se que o enfrentamento ao racismo no ambiente escolar demanda ações pedagógicas sistemáticas, formação continuada dos profissionais da educação e o compromisso institucional com práticas que promovam a equidade racial ao longo de todo o ano letivo. O letramento racial, quando incorporado de maneira transversal ao currículo, contribui não apenas para o reconhecimento das identidades negras, mas também para a construção de uma educação comprometida com a justiça social, a valorização da diversidade e a transformação das relações raciais no espaço escolar.

Segundo Almeida (2019, p. 153), a falta de clubes, projetos ou práticas pedagógicas que valorizem a produção literária de autoras e autores negros, mesmo em instituições que já desenvolvem ações de incentivo à leitura, revela o quanto o racismo estrutural se manifesta também por meio da exclusão simbólica.

Dada essa conjuntura, o Clube de Leitura Preta se configura como uma prática educativa inovadora e contra hegemônica. Desse modo, compreendemos que o Clube é uma iniciativa pioneira no município, para adolescentes no combate ao racismo e na criação de novos pensamentos sobre gênero, etnias, sociedade e cultura através de leituras negras e indígenas.

Vale destacar que, a partir do seu surgimento em 2020, observa-se um crescente número de projetos com objetivos semelhantes, o que demonstra que o Clube da Leitura Preta é uma iniciativa multiplicadora, com o papel fundamental de inspirar outros projetos no município e no Brasil. Assim, em abril de 2025, a Revista Gama publicou uma matéria<sup>2</sup> sobre a importância dos Clubes de Leitura no país, e o Clube da Leitura Preta, assim como o meu trabalho enquanto educadora foram citados na matéria como referências.

O levantamento realizado parte da compreensão de que o estado da arte não se limita exclusivamente à produção bibliográfica, mas pode incluir o mapeamento de práticas, projetos e iniciativas que, embora nem sempre sistematizados em pesquisas acadêmicas, produzem conhecimento e impactam diretamente o cotidiano escolar e comunitário. Essa perspectiva dialoga com autores como Minayo (2014), que defende a centralidade do contexto e da realidade social na produção do conhecimento, e com Nêgo Bispo (Santos, 2012), ao compreender o saber como um movimento de circularidade ancorado no território.

A promulgação da Lei nº 10.639/2003 e, posteriormente, da Lei nº 11.645/2008 representou um marco no reconhecimento da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afrobrasileira e indígena nas escolas. Diversos estudos indicam que a implementação dessas leis ocorre, muitas vezes, de forma pontual, concentrada em datas comemorativas, especialmente no mês de novembro, o que revela uma fragilidade estrutural na incorporação do letramento racial como prática contínua e não pontual que, por sua vez, se faz sustentada por um imaginário folclórico. Esse descompasso entre a legislação e a prática pedagógica constitui um dos principais desafios identificados no campo educacional.

Autores como Gomes (2012), Candau (2011) e Almeida (2019) apontam que a existência da legislação não garante, por si só, a efetivação de práticas pedagógicas antirracistas no cotidiano escolar. Nesse sentido, o Clube da Leitura Preta se insere em um campo ainda pouco explorado pela produção acadêmica, ao articular literatura negra, circularidade dos saberes, escrevivência e participação ativa de adolescentes quilombolas em um território específico.

A partir dessas lacunas esta pesquisa se justifica e se constrói, buscando contribuir para o fortalecimento de práticas educativas antirracistas e para a ampliação do debate acadêmico sobre clubes de leitura situados e racialmente implicados. Diante disso, o Clube da Leitura Preta

---

<sup>2</sup> Em abril de 2025, a Revista Gama publicou uma matéria que abordava iniciativas de promoção da leitura entre jovens negros no Brasil, destacando o trabalho do Clube da Leitura Preta como uma das experiências que articulam educação, identidade e ancestralidade no cotidiano escolar e comunitário.

de forma pioneira, resiste como uma estratégia pedagógica situada, que articula literatura negra, escrevivência e circularidade. É válido ressaltar o acolhimento e apoio de toda a equipe escolar quando socializei a proposta com ênfase em literatura negra.

### **3           CAPÍTULO II: SANKOFA – ESCREVIVÊNCIAS E A HISTORICIDADE DO CLUBE DA LEITURA PRETA**

“Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro”. Provérbio Akan. (Nascimento, L.; Gá, 2009, p. 40-41).

Compreender a trajetória do Clube da Leitura Preta exige um movimento metodológico e político de retorno às suas origens, às condições históricas que possibilitaram sua emergência e às experiências que o sustentam enquanto prática educativa antirracista. Nesse sentido, o conceito de Sankofa — oriundo da tradição akan, na África Ocidental — orienta este capítulo como princípio epistemológico. Sankofa ensina que não há avanço possível sem o resgate crítico do passado; é preciso “voltar e buscar” aquilo que foi silenciado, fragmentado ou negado pela história oficial para que o presente seja reconstruído com consciência e responsabilidade ancestral.

Ao mobilizar Sankofa como categoria interpretativa, este estudo reconhece que o Clube da Leitura Preta não surge como ação isolada ou espontânea, mas como continuidade de uma longa tradição de resistência negra no Brasil. Ele se insere em um percurso histórico marcado por exclusões sistemáticas, mas também por estratégias coletivas de sobrevivência, organização comunitária e produção de conhecimento. Retornar a essa historicidade significa situar o clube dentro das lutas por educação emancipatória, reconhecimento identitário e justiça racial.

A noção de escrevivência, formulada por Conceição Evaristo, contribui para aprofundar essa compreensão ao afirmar a escrita como expressão da vida vivida, das memórias, das dores e das potências do povo negro. No contexto do Clube da Leitura Preta, a escrevivência não se limita à produção textual; ela se materializa nas falas dos adolescentes quilombolas, nas narrativas compartilhadas nos encontros, nas oficinas literárias, nos concursos de escrita e na construção coletiva do e-book. Trata-se de um processo em que ler e escrever tornam-se atos de afirmação existencial, deslocando o lugar historicamente imposto à juventude negra como objeto de discurso para a posição de sujeito produtor de conhecimento.

Ao mesmo tempo, a historicidade do clube está profundamente vinculada à circularidade enquanto prática e princípio organizador. Inspirada nas cosmologias africanas e afro-brasileiras,

a circularidade rompe com a lógica hierarquizante do saber e institui o diálogo como fundamento do processo educativo. Em consonância com Paulo Freire, o círculo não é apenas disposição espacial, mas postura ética: todos ensinam, todos aprendem, todos partilham experiências. No território quilombola onde o clube se desenvolve, essa dinâmica reafirma modos próprios de organização comunitária, fortalecendo laços, pertencimentos e identidades.

A emergência do Clube da Leitura Preta também precisa ser analisada à luz das desigualdades raciais que estruturam a sociedade brasileira. Como apontam estudiosos do campo das relações étnico-raciais, o racismo não opera apenas como prática individual, mas como engrenagem estrutural que atravessa instituições, políticas públicas e espaços escolares. Nesse cenário, iniciativas como o clube configuram-se como dispositivos de enfrentamento ao racismo institucional, criando brechas dentro da própria escola para a valorização da cultura negra, da literatura produzida por autores e autoras negras e da memória coletiva da diáspora africana.

Assim, este capítulo propõe-se a articular memória, experiência e ação pedagógica, evidenciando como o Clube da Leitura Preta se constitui enquanto espaço de reexistência. Ao recuperar suas motivações, seus percursos e suas práticas, busca-se demonstrar que sua historicidade não está apenas no registro cronológico de acontecimentos, mas na densidade simbólica e política de suas ações. É nesse movimento de retorno e projeção – próprio do Sankofa – que o clube afirma sua potência transformadora, construindo, com adolescentes quilombolas, um território de leitura, escrita e resistência.

Desse modo, é importante se pensar em estratégias para o enfrentamento desse problema que se faz presente em todo o país. Dentro deste cenário, podemos citar como exemplo a Bahia, o estado que tem a maior população de pessoas negras no mundo fora da África; e apesar da presença africana se fazer fortemente visível na cultura, na religião, na linguagem e nas formas de organização social o número de pessoas afetadas pelo racismo é crescente.

Em 19 de novembro de 2018, o Ministério Público lançou um aplicativo que possibilita o registro de casos de racismo e intolerância religiosa sofridos ou testemunhados na Bahia. Buscando a partir dessa ferramenta meios de intervir e enfraquecer o racismo. Existem uma série de políticas e leis para combater o racismo, no entanto, apesar dos avanços ainda temos enquanto sociedade um longo caminho pela frente na construção de espaços mais equânimes, sobretudo as escolas. Como observa Gomes (2003, p. 176), pedagoga e ex-ministra da igualdade no Brasil:

Pensar a relação entre escola e identidade negra é questionar não só os negros sobre a questão racial, mas também os sujeitos que pertencem a outros

segmentos étnico/raciais com os quais eles convivem. A afirmação da negritude exerce pressão sobre o outro, em especial sobre o branco, e o questiona no seu suposto lugar de quem vive uma situação já dada e já conquistada, no seu suposto isolamento etnocêntrico e lhe revela quão impregnado o branco brasileiro está da negrura e das africanidades que muitos ainda insistem em negar.

Diante disso, é importante pensar nas possibilidades que o ambiente escolar pode proporcionar, assim como as ferramentas disponíveis para a construção da identidade e enfrentamento ao racismo. E logo, contextualizamos o município de Jequié, situado no interior da Bahia, onde podemos observar que há um panorama revelador das relações étnico-raciais vividas de forma intensa e, ao mesmo tempo, por vezes silenciadas. Frente a essa realidade, espaços como clubes de leitura têm se revelado como alternativas criativas e potentes para estimular o diálogo sobre racismo, identidade e pertencimento, além do fomento à diversidade e inclusão.

Nesse contexto, o clube prioriza a leitura de autoras e autores negros e indígenas – como Conceição Evaristo (Ponciá Vicêncio), Grada Kilomba (Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano), Lélia Gonzalez (Por um Feminismo Afro-Latino-Americano), Bianca Santana (Quando me Descobri Negra), Silvio Almeida (Racismo Estrutural), Ailton Krenak (Ideias para Adiar o Fim do Mundo), Jessika de Oliveira (Festa de Aniversário), Lívia Natália (Correntezas e Outros Estudos Marinhos), Carolina Maria de Jesus (Quarto de Despejo) e Ryane Leão (Tudo Nela Brilha e Queima) – reafirmando o compromisso com a valorização de epistemologias historicamente marginalizadas.

O Clube da Leitura Preta se destaca entre iniciativas que possibilitam uma reconfiguração de referências culturais e incentivam uma leitura crítica da realidade, especialmente entre adolescentes de diferentes etnias e estudantes da rede pública. Nessas rodas de leitura, a literatura deixa de ser apenas conteúdo escolar e se transforma em ferramenta de afirmação, resistência e construção de autoestima.

Diante das diversas questões que atravessam pessoas negras historicamente no Brasil, sobretudo contextualizando os adolescentes citados nesta pesquisa, é possível observar como a oralidade é importante para manter viva as tradições das comunidades segregadas durante o período escravocrata, mas sabemos também que há desafios para a continuidade das histórias que se mantêm distante dos registros escritos.

Perante o processo histórico de apagamento do protagonismo negro – que dizima narrativas e histórias e por vezes, impede a chegada dessas às gerações futuras –, o princípio de Sankofa surge como ferramenta de realização do eu, individual e coletivo que tem potencial de reclamar e recuperar o que foi perdido ou deixado para trás na caminhada pela sobrevivência.

A partir desse princípio e das observações feitas durante os encontros no Clube que identificamos o surgimento da Escrevivência, forjando narrativas que antes estavam só no campo da oralidade. Para isso, adota-se aqui, o termo Escrevivência, formulado por Conceição Evaristo (2018). Nele, a junção das palavras “escrever” e “vivência” sustenta uma potente genealogia, que afirma o ato de narrar e escrever a própria experiência como um gesto de resistência para mulheres negras, cuja história foi marcada pelo apagamento. Em uma entrevista para o Portal Catarinas, Evaristo (2021) explica:

Ora, se a fala dessa mulher da casa grande é uma fala escravizada, a nossa escrita não. Pelo contrário. A nossa escrevivência é para acordar os da casa grande. Então esse conceito nasce justamente com a tentativa de borrar parte dessa história, é o reverso. E é o reverso também por um outro aspecto, porque aí já tem escrita. Se antes a fala da mulher negra ficou condicionada a uma oralidade, hoje ela tem também a escrita. E ter a escrita é justamente apropriar das armas da casa grande.

Nesse sentido, compreende-se as trocas do Clube da Leitura Preta como fundamentais. Seu compromisso é instrumentalizar os adolescentes por meio da palavra e do conhecimento, e assim fomentar suas etnicidades. É exatamente isso que se formava durante os movimentos de vivência no projeto: o compromisso de manter viva a pertença coletiva. Embora as vivências fossem diferentes, os colaboradores seguiam, sem nenhuma resistência, a colocar no papel, histórias nunca antes registradas, fruto das discussões propostas durante as leituras.

A escrevivência tem disso: escrever as nossas vivências, e observar como elas não são tão individuais, mas coletivas. No livro *Becos da Memória*, Evaristo (2017) aborda com uma linguagem simples e que prende o leitor, a forma como os questionamentos dos personagens na narrativa se movimentava em busca de respostas comuns, e muitas vezes para entender o porquê de determinados acontecimentos. “Dava a impressão de que nem eles sabiam direito porque estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez” (2017, p. 163). O discurso mobilizador da protagonista permeia diversas gerações de pessoas, descritas como negras e moradoras da favela que até lembram os cenários do livro *Quarto de Despejo*, da autora Maria Carolina de Jesus, um outro clássico da literatura negra lido no Clube.

O exercício do diálogo entre os adolescentes constituiu-se como uma ferramenta fundamental para processar coletivamente as reflexões e os afetos despertados pela leitura. A identificação com personagens, falas e tramas revelou-se como uma oportunidade para acessar as etnicidades em construção de cada participante.

Nesse processo, compreende-se que a etnicidade, em sua boniteza, não deve ser reduzida a um instrumento de padronização. Pelo contrário, ela é uma chave para entender as possibilidades e as diferenciações inerentes aos grupos sociais. Esta compreensão dialoga diretamente com a proposta de Clifford Geertz (1989), que sugere que a cultura consiste em um conjunto de significados compartilhados que orientam o comportamento humano, e que tais devem ser estudadas como textos a serem interpretados, a partir de seus próprios contextos históricos e sociais.

Desse modo, e com o surgimento da escrevivência nos nossos encontros, pensando nos desafios e também na potência que teria um material construído por esses adolescentes participantes da pesquisa, lançamos mão da última proposta de intervenção onde os colaboradores escreveram um livro que, para eles fosse entendido como construtivo para um mundo com mais harmonia entre as pessoas.

Esse ato de criação coletiva encontra seu sentido mais profundo no pensamento de Fátima Lima (2024 p. 58), para quem a escrevivência se vincula à “fabulação crítica do (im)possível” e ao “encantamento como ‘arte da diáspora africana’”. Portanto, a escrita do livro pelos participantes do clube de leitura é, além de atividade pedagógica, um gesto de encantamento e fabulação crítica e também, um exercício de reparação histórica que tece novas possibilidades para a humanidade. Afinal, é válido pensar a vivência negra e quilombola em nosso país como resistência.

Para Lima (2024, p. 59), a escrevivência é uma prática que permite “fabular criticamente o impossível” no processo de fazer “possíveis” novas realidades. Trata-se assim, de um exercício ligado aos processos de afirmação identitária e de direito à memória. Portanto, pensar a vivência negra e quilombola no Brasil implica reconhecê-la como um campo permanente de resistência frente às múltiplas formas de apagamento, silenciamento e violência produzidas pelo racismo estrutural. Nesse sentido, a escrevivência se constitui não apenas como um recurso literário ou narrativo, mas como uma prática político-epistêmica que tensiona as versões oficiais da história e reposiciona sujeitos historicamente marginalizados como protagonistas de suas próprias narrativas.

Dialogando com essa perspectiva, Conceição Evaristo (2018) compreende a escrevivência como um gesto de insurgência, no qual a escrita nasce do corpo, da memória e da experiência negra, rompendo com a neutralidade supostamente universal do conhecimento. Ao escrever a partir de si e de seu grupo social, os sujeitos negros produzem saberes situados que confrontam a colonialidade do saber e reafirmam a legitimidade de outras formas de conhecimento, historicamente desconsideradas pela academia.

No contexto das comunidades quilombolas, a escrevivência assume ainda uma dimensão coletiva, articulando memória ancestral, territorialidade e resistência. Conforme aponta Beatriz Nascimento (2006), o quilombo deve ser compreendido como um espaço de continuidade histórica e cultural, no qual a memória opera como um instrumento fundamental de resistência e afirmação identitária. Assim, narrar as experiências quilombolas por meio da escrevivência significa reivindicar o direito à existência plena e à produção de sentidos sobre o próprio passado e presente.

Dessa forma, a escrevivência se apresenta como uma ferramenta potente nos processos de reparação histórica, ao possibilitar que sujeitos negros e quilombolas reconstruam suas histórias a partir de suas próprias perspectivas. Ao fabular criticamente o impossível, essas narrativas não apenas denunciam as marcas da violência colonial, mas também anunciam outras possibilidades de humanidade, fundadas na justiça social, no reconhecimento da diversidade e na valorização dos saberes ancestrais. Trata-se, portanto, de um movimento que articula memória, identidade e futuro, reafirmando a escrevivência como prática fundamental na luta por equidade racial e epistemológica.

O Clube da Leitura Preta<sup>3</sup> promoveu, para além das leituras de obras de autoria negra e indígena, o primeiro concurso literário do quilombo na escola, registrando um marco de 1.500 produções textuais escritas pelos estudantes. O fomento a leitura de obras afro-brasileiras também funcionou como um refúgio para os adolescentes que tentavam se “desviar” dos caminhos da insegurança pública que assolou o município de Jequié no período de 2022. Conforme dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgados pelo jornal G1 (2025), o município de Jequié, no interior da Bahia, foi considerado o segundo mais violento do país com maior letalidade policial.

Em contrapartida a esse cenário de violência, o clube de leitura se apresentava como um refúgio, sendo reconhecido não somente pela comunidade, mas por autoridades de todo o país, pelo compromisso social, por meio dos livros para os adolescentes, moradores de territórios afetados pela guerra às drogas. O projeto seguiu conquistando homenagens públicas, assim

---

<sup>3</sup> DIAS, V. **Clube de leitura Negra é utilizado como tecnologia antirracista em escola quilombola na Bahia.** Brasil de Fato, 29 ago. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/08/29/clube-de-leituranegra-e-utilizado-como-tecnologia-antirracista-em-escola-quilombola-na-bahia/>. Acesso em 18 fev. 2026.

como reconhecimento de autoridades da educação pública da Bahia, entrevistas em programas televisivos<sup>4</sup>, revistas<sup>5</sup> e jornais<sup>6</sup>. Bem como, foi citado em outros eventos literários como um espaço de inspiração para a circularidade das questões étnico raciais, como prega o autor Bispo (2012).

Os adolescentes participaram de atividades educativas e culturais fora do espaço do clube, como feiras literárias conceituadas do Estado da Bahia, a exemplo da Feira Literária Internacional de Cachoeira (Flica) e a Feira Literária Internacional do Pelourinho (Flipelô). Assim, o projeto que nasceu e ganhou o mundo inspirando profissionais da educação<sup>6</sup> ainda na minha graduação, hoje é o meu sujeito de pesquisa enquanto mestranda.

Para Bartra (1995), investigar a categoria de identidade étnica ou identidade étnico racial, a partir do aspecto das relações entre diferentes grupos, possibilita o reconhecimento de expressões, e conseqüentemente, o combate à discriminação e o preconceito. Por meio deste aporte teórico, é possível refletir sobre o potencial da pesquisa na promoção de novos estudos e novos olhares, capazes de aprofundar as discussões sobre relações étnicas e, ao mesmo tempo, fortalecer identitariamente tanto o campo acadêmico quanto as comunidades envolvidas.

É importante destacar que, mesmo diante da vigência das leis 10.639/03 e 11.645/08 há mais de uma década, um levantamento realizado nesta pesquisa aponta o Clube da Leitura Preta como pioneiro no município de Jequié a adotar a literatura afro-brasileira e indígena, como foco para o letramento racial de adolescentes quilombolas. Esse fato evidencia a lacuna expressiva entre a legislação e as práticas efetivas.

A partir dessas vivências, venho aprimorando meus estudos com o clube de leitura. Ao ingressar no ODEERE, reforcei meu compromisso de transformar o conhecimento acadêmico em uma ferramenta que se multiplique para além dos muros da universidade.

Neste estudo, os sonhos são tratados como perspectivas possíveis que se abrem à medida que os participantes se aprofundam no mundo dos livros, fomentando a criação de novas histórias de vida. Como lembra o escritor moçambicano Couto (2022, p. 13), “as histórias têm

---

<sup>4</sup> CONEXÃO BAHIA. **Autora baiana utiliza a escrita para falar sobre realidades que não são vistas.**

Conexão Bahia, Globo, 39 abr. 2024. Disponível em:

<https://redeglobo.globo.com/redebahia/conexaobahia/noticia/autora-baiana-utiliza-a-escrita-para-falar-sobre-realidades-que-nao-sao-vistas.ghtml>. Acesso em 18 fev. 2026.

<sup>5</sup> LIMA, I. **Jessika de Oliveira: “O Clube de Leitura Preta potencializou a autoestima dos alunos”.** Gama Revista, Uol, 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/podcast/podcast-da-semana/jessika-deoliveira-clube-de-leitura-preta-autoestima-dos-alunos-literatura-antirracista/>. Acesso em 18 fev. 2026. <sup>6</sup> FERREIRA, L. **Leitura de autores pretos muda olhar em comunidade no interior baiano.** Agência Brasil, 19 ago. 2023.

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-08/leitura-deautores-pretos-muda-olhar-em-comunidade-no-interior-baiano>. Acesso em 18 fev. 2026.

<sup>6</sup> REVISTA GAMA. **O que motiva os professores?** Revista Gama, Uol, 15 out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SSApkHK44YA>. Acesso em: 18 fev. de 2026.

---

sempre a ver com as pessoas, com a capacidade de inventarmos o nosso tempo e sermos os donos dos nossos sonhos”.

Percorrer esse caminho de estudos significa, então, abordar adolescentes negros e quilombolas a partir de um espaço de leitura que privilegia a possibilidade de sonhar. No grupo, eles interagem em um ambiente não-violento, com acesso a livros que lhes permitem pensar fora do contexto habitual de vulnerabilidade com que a juventude negra é comumente associada nas pesquisas. Não se trata de desconsiderar a importância desses estudos, mas de oferecer um contraponto: a abordagem aqui é a de compreender as relações emancipatórias que estão sendo construídas nesses espaços.

O foco está nas ressonâncias positivas que essas relações podem ter em outros ambientes, como na universidade. A hipótese que guia este trabalho é a de que os adolescentes que acessam as leituras oferecidas pelo Clube da Leitura Preta podem encontrar, nesta fase da vida, caminhos menos desafiadores em suas trajetórias escolares e também, na própria comunidade. Nesse sentido, Silva (2015, p. 14) diz que,

Através da leitura aprimora-se a habilidade de prever e construir hipóteses, antecipando o conteúdo a ser lido. Dessa forma, com a competência leitora desenvolvida, o aluno se emancipa para continuar aprimorando-a de forma autônoma. Diante disso, pode-se afirmar que a leitura é uma apropriação cultural que possibilita o acesso a outros conhecimentos.

Enxergar os espaços de leitura como o Clube a partir de uma perspectiva contra colonial é importante para cultivar a memória e nutrir aprendizagens entre os adolescentes. No entanto, esse projeto apresenta um desafio: engajar a Geração Z, os nativos digitais ou *Zoomers*, com o livro físico, em um contexto social mediado pela tecnologia.

Porém, é possível pensar que as identidades na contemporaneidade não serão jamais fixas em um dado núcleo, como Hall (2006, p. 89) explica: “não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo várias ‘casas’”. Território e Espaço Geográfico: Conexão com terras ancestrais ou espaços simbólicos que são significativos para a etnia; O impacto de deslocamentos, diásporas e recomposições territoriais.

### **3.1 A Posição da Pesquisadora no Campo: escrituragem e pesquisa-ação**

Assumo, nesta pesquisa, uma postura implicada, reconhecendo que a minha trajetória enquanto mulher negra, educadora, escritora e mobilizadora social atravessa o processo investigativo. Não me coloco como observadora externa ao campo, mas como sujeito que constrói, vivencia e tensiona as práticas analisadas, em consonância com os pressupostos da pesquisa qualitativa e da pesquisa-ação.

O meu vínculo com o clube de leitura preta não se dá a partir da academia, mas está comigo antes dela, no campo da experiência, da militância e da escrita. Enquanto escritora, compreendo a palavra como território de disputa simbólica e política, sobretudo quando se trata da produção de narrativas negras juvenis. Segundo Conceição Evaristo (2018), a produção textual quando compreendida como um espaço educativo em que vida, memória e experiência não se dissociam.

Reconhecer a minha posição no campo também implica assumir os atravessamentos de pertencimento e responsabilidade ética diante dos colaboradores. Eu não sou uma mulher quilombola, e sempre deixo isso muito explícito no contato com outras pessoas, pois estar imbricada neste espaço não faz de mim uma pessoa quilombola. Conforme Minayo (2007), na pesquisa qualitativa, o pesquisador é parte constitutiva do processo de produção de dados, sendo impossível a neutralidade absoluta.

Ainda assim a minha presença influencia no campo. No entanto, eu também sou tensionada pelas falas, silêncios e práticas dos sujeitos ali presentes. A pesquisa-ação, arrolada ao pensamento de Thiollent (2002), possibilita refletir sobre esse lugar de implicação não como fragilidade metodológica, mas como potência analítica em um movimento contínuo.

Além disso, essa relação de proximidade dialoga com a perspectiva da antropologia engajada, conforme a pesquisa se orienta pelo compromisso com as transformações no contexto inserido. Desse modo, e sustentada pelo pensamento de Santos (2015), a circularidade do conhecimento está comprometida com as práticas educativas que promovo no clube.

## **4 CAPÍTULO III: CAMINHOS METODOLÓGICOS**

### **4.1 A Metodologia que Sustenta a Circularidade dos Caminhos**

Diante dos debates contemporâneos sobre etnicidade e de um contexto social brasileiro historicamente marcado por processos de negacionismo e pela intolerância às diferenças – fatores que impactam negativamente as relações entre grupos –, esta pesquisa desloca o foco analítico dos sujeitos em si para a prática pedagógica que os constitui. O objeto de estudo,

portanto é a prática desenvolvida no Clube da Leitura Preta, sendo as narrativas e produções dos adolescentes participantes compreendidas como mediações fundamentais para acessá-la e interpretá-la.

A concepção do Clube da Leitura Preta parte da premissa de subverter as lacunas observadas no sistema educacional. Uma experiência prévia com o projeto evidenciou a ausência de discussões sobre etnicidades entre os adolescentes antes de sua participação, sobretudo em relação às leituras ofertadas. Percebeu-se que o engajamento que na discussão se dava, primeiro pela descoberta de autores que não fazem parte do cânone literário; segundo pela curiosidade em relação aos termos antirracistas e do apoio às minorias que haviam nas obras; e por fim, os argumentos repetitivos nos diálogos.

Compreende-se que, apesar dos avanços legais que tornam obrigatório o ensino das culturas afro-brasileira e indígena, ainda existe uma lacuna significativa entre a teoria e a prática. Esse hiato é atribuído ao contexto histórico e social brasileiro que ainda mantém resquícios de resistência à incorporação efetiva desses saberes no cotidiano escolar. O clube surge como uma intervenção concreta para transpor essa distância, transformando o dispositivo legal em experiência vivida de letramento racial.

Durante o desenvolvimento deste projeto, foi percebida a necessidade de aprofundar a compreensão sobre as práticas pedagógicas relacionadas à literatura de autoria negra e indígena nas escolas da rede estadual e municipal de Jequié. Para isso, foram realizadas conversas informais e reuniões com diversas professoras que atuam diretamente nesse contexto escolar. Essas interlocuções tiveram papel fundamental para refletir sobre a pergunta central da pesquisa, especialmente no que diz respeito à existência e à efetividade de projetos e espaços de leitura voltados para essa temática.

A partir dessas trocas, foi possível identificar que tais iniciativas, quando existem, acontecem de forma muito individualizada e sem uma organização sistematizada nos currículos escolares. Essa constatação orientou a formulação das perguntas e a busca por depoimentos mais detalhados, garantindo que a investigação contemplasse a perspectiva dos profissionais envolvidos, enriquecendo a análise qualitativa. Portanto, a metodologia deste estudo inclui não apenas a revisão bibliográfica e análise documental, mas também a escuta ativa de agentes educativos, por meio de entrevistas e relatos que contribuíram para um diagnóstico mais realista e contextualizado da situação educacional com enfrentamento as desigualdades na região.

A partir desse diagnóstico nasce o problema central desta investigação que se concentra na seguinte questão: investigar como o clube da leitura preta, enquanto prática educativa colabora

para o fortalecimento da identidade de adolescentes quilombolas e mobiliza ações para o enfrentamento do racismo em Jequié.

O sujeito desta pesquisa é o Clube da Leitura Preta, atualmente sediado no Órgão de pós-graduação em relações étnicas e contemporaneidade (ODEERE), vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O ODEERE está localizado no bairro Pau Ferro, no prédio da antiga Escola Dom Climério em Jequié. Trata-se de uma região periférica do município, predominantemente residencial, com moradias simples e uma população composta majoritariamente por pequenos comerciantes, feirantes, artistas populares, aposentados e artesãos.

Desse modo, cabe ressaltar também a responsabilidade social do programa com a comunidade e o fomento a continuidade de projetos voltados para a população ter o Clube funcionando neste espaço. Iniciativas como o clube promovem também a aproximação de espaços de pesquisa com a comunidade, de modo que novas ideias de construção de mundo possam surgir.

Os participantes do estudo são adolescentes, com idade de entre 16 anos, quilombolas do Quilombo urbano Barro Preto, em Jequié. Os colaboradores pertencem a famílias residentes ainda no quilombo e apresentam, por sua vez, condições socioeconômicas diversas, atravessadas por desigualdades históricas e estruturais que incidem diretamente sobre suas trajetórias educacionais. Com o intuito de contextualizar o perfil dos sujeitos envolvidos, apresenta-se, a seguir, uma síntese dos principais dados socioeconômicos dos adolescentes:

**Tabela 1** – Dados socioeconômicos dos participantes do Clube da Leitura Preta

Participante	Idade	Gênero	Raça/Cor	Escolaridade	Renda mensal	Moradores na casa
Ar	16	Feminino	Parda	Cursando o ensino médio	R\$1.500,00	4
Fogo	16	Masculino	Preta	Cursando o ensino médio	R\$500,00	3
Terra	16	Feminino	Parda	Cursando o ensino médio	R\$3.500,00	3
Água	16	Feminino	Parda	Cursando o ensino médio	R\$1.100,00	2
Metal	16	Feminino	Negra	Cursando o ensino médio	R\$1.500,00	4

Fonte: Elaboração própria

Este estudo tem como objetivo central analisar o Clube da Leitura Preta como espaço de fortalecimento identitário de adolescentes quilombolas no município de Jequié,

compreendendo-o não apenas como projeto de incentivo à leitura, mas como prática pedagógica situada, comprometida com a formação crítica e com a afirmação étnico-racial. O clube constitui-se como território educativo que tensiona as estruturas tradicionais do currículo escolar ao priorizar epistemologias negras e indígenas, produzindo deslocamentos simbólicos fundamentais para adolescentes historicamente posicionados à margem da narrativa oficial.

Ao destacar as narrativas dos adolescentes quilombolas, esta pesquisa reconhece tais produções como formas legítimas de elaboração de pertencimento étnico e de construção da memória coletiva. A juventude quilombola é compreendida à luz das reflexões de Nilma Lino Gomes, que evidencia a centralidade da experiência racial na constituição das identidades juvenis negras, e de Nêgo Bispo, cuja perspectiva contra colonial permite pensar o quilombo como continuidade territorial, política e epistemológica. Assim, os adolescentes são entendidos como sujeitos históricos inseridos em dinâmicas de poder, mas também como agentes produtores de sentidos e de reexistências.

A categoria etnicidades é mobilizada a partir de uma abordagem relacional e histórica. Fredrik Barth desloca a compreensão da etnicidade para o campo das fronteiras sociais, destacando que os grupos se constituem nas interações e nas distinções estabelecidas no contato com o outro. Stuart Hall amplia essa perspectiva ao compreender a identidade como processo, como construção sempre inacabada e atravessada por disputas de representação. Kabengele Munanga problematiza o mito da democracia racial, evidenciando os mecanismos de invisibilização das identidades negras no Brasil. Essas contribuições permitem analisar como os adolescentes quilombolas constroem seus pertencimentos em contextos marcados pelo racismo estrutural e por disputas simbólicas.

A noção de quilombo, fundamentada nas reflexões de Beatriz Nascimento, é compreendida como categoria política e civilizatória que ultrapassa a referência histórica ao período colonial, afirmando-se como projeto de continuidade africana e de organização coletiva. Nesse sentido, o território onde o Clube da Leitura Preta se desenvolve é analisado como espaço de memória, ancestralidade e produção de saberes próprios.

A escrevivência, conceito elaborado por Conceição Evaristo, é mobilizada como chave interpretativa para compreender as produções textuais e orais dos adolescentes. Escrever a partir da experiência vivida significa inscrever na linguagem aquilo que foi historicamente silenciado. Leda Martins contribui para essa compreensão ao tratar a memória como performance e a oralidade como arquivo vivo da cultura afro-brasileira. As práticas do clube — rodas de leitura, oficinas e produções autorais — são, portanto, analisadas como processos de reinscrição simbólica e afirmação identitária.

Do ponto de vista metodológico, a análise fundamenta-se na Hermenêutica da Profundidade, conforme proposta por John B. Thompson, que articula três dimensões: a análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. Assim, as narrativas dos adolescentes não são tomadas apenas como relatos individuais, mas como formas simbólicas situadas em contextos históricos específicos, atravessadas por relações de poder e por estruturas sociais que condicionam sua produção e circulação. Essa abordagem permite compreender o Clube da Leitura Preta simultaneamente como prática concreta e como fenômeno simbólico inserido em um cenário mais amplo de disputas raciais e educacionais.

Paralelamente, a pesquisa-ação, conforme Thiollent, orienta o envolvimento direto com o campo investigado, rompendo com a lógica de distanciamento entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, o estudo não se limita à observação externa do clube, mas reconhece a dimensão participativa e transformadora do processo investigativo. A produção de conhecimento ocorre em diálogo com os adolescentes quilombolas, considerando suas vozes, percepções e experiências como centrais na construção da análise.

Desse modo, as categorias analíticas – adolescentes quilombolas, circularidade, clube de leitura, escrevivência e etnicidades – articulam-se de maneira interdependente, sustentando a compreensão do Clube da Leitura Preta como prática educativa antirracista que atua nos planos simbólico, político e formativo. O clube não apenas se propõe a enfrentar o racismo, mas o faz por meio da palavra compartilhada, da memória coletiva e da afirmação de identidades historicamente subalternizadas, produzindo condições para que adolescentes quilombolas se reconheçam como sujeitos históricos e agentes de transformação social.

Esta pesquisa por ser qualitativa nos direcionou de forma assertiva para os objetivos projetados na fase inicial, e a partir do entendimento de Minayo, percebemos que, embora este estudo se consolide, também como uma pesquisa social, a realidade que conseguimos adentrar não pôde ser alcançada totalmente para quantificarmos, mas, todavia, nos mostrou a capacidade de explorar a riqueza de detalhes e entender os contextos em vez de concentrar apenas em uma possível estatística. Segundo Minayo (2007, p. 22), o estudo qualitativo nos mostra que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

E todas essas subjetividades observadas com um olhar atento do pesquisador são possíveis dados para análise, por isso, o formato desta pesquisa corrobora com a realidade aproximada

dos colaboradores. E nos auxiliou a aprofundar a observação com o coletivo assim como o nosso compromisso social contínuo. Minayo (2009, p. 31) ressalta que,

Um projeto é fruto do trabalho vivo do pesquisador. Para isso, ele vai precisar articular informações e conhecimentos disponíveis (amplo conjunto de saberes e técnicas), usar certas tecnologias [...], empregar sua imaginação e emprestar seu corpo ao esforço de realizar a tarefa [...].

Sendo assim, entende-se que o comprometimento do pesquisador vai além do domínio teórico, concretizando-se nas estratégias utilizadas para a coleta de dados que são, necessariamente, articuladas a partir de um conhecimento da realidade vivida pelos colaboradores. Essa abordagem exige uma sensibilidade para enxergar a realidade em sua pluralidade, recusando visões totalizantes que definem o todo. Dessa forma, a realização da pesquisa desde a primeira até a última fase, pode ser entendida como ciclos que se completam, inclusive quando se findam.

É nesse sentido que Minayo (2009, p.7) ressalta que se deve pensar a pesquisa social como “a dinâmica de descobrir as entranhas do mundo e da sociedade”. Assim, estar conectado ao mundo da pesquisa de forma responsável é um diferencial para as fases da investigação. Por fim, dentro dessa perspectiva, deve-se ter um olhar certo para captar as dadas realidades no campo, pois elas não são tão transparentes como pensa-se, e muitas vezes podem confundir o pesquisador. Isso exige disponibilidade e muita atenção do pesquisador para que a pesquisa não se construa como algo robotizado, e sim humanizado em todas as etapas do processo.

Desaprender paradigmas para aprender novas perspectivas é fundamental, sobretudo para enxergar os participantes da pesquisa como parte de um contexto total e interconectado, e isso contribui para o rigor da pesquisa.

Nesse contexto, para entender a Hermenêutica de Profundidade, lança-se o olhar principalmente sobre a maneira como as formas simbólicas são produzidas, transformadas e transmitidas na sociedade, um dos elementos prioritários a serem conhecidos são justamente as formas simbólicas: “fenômenos significativos que são tanto produzidos como recebidos por pessoas situadas em contextos específicos” (Thompson, 1995, p. 23).

Ao abordar a Hermenêutica de Profundidade, é fundamental compreender o papel das formas simbólicas dentro das práticas sociais: elas não existem de forma isolada, mas são construídas e interpretadas por sujeitos inseridos em contextos culturais e históricos específicos. Isso significa que os significados atribuídos a essas formas variam conforme a posição social, a experiência e o ambiente de quem os produz e de quem os recebe.

Nesse sentido, a Hermenêutica de Profundidade propõe uma análise que vai além da superfície dos textos ou produtos culturais, buscando revelar os processos sociais e ideológicos que sustentam sua criação e circulação. O olhar hermenêutico, portanto, não se limita à interpretação de conteúdos, mas se estende à investigação crítica das condições de produção e das relações de poder envolvidas, como Thompson nos propõe a pensar. Lançando mão de que todos esses usuários são frutos dos contextos históricos e imbricados das suas ideologias, cabe salientar que, de acordo com Thompson (1995, p. 12):

A produção e recepção das formas simbólicas é sempre mais mediada por uma rede complexa, transnacional, de interesses institucionais. A discussão desse processo implica em várias considerações. Conceitualmente, devemos examinar a natureza das formas simbólicas e sua relação com os contextos sociais dentro dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas, numa discussão que se situa dentro do território tradicionalmente marcado pelo conceito de cultura.

Direcionadas por esse pensamento, com base no autor, ressaltamos que é importante compreender a realidade a qual os colaboradores do estudo estão inseridos. E a partir de então aprofundar a fase de análise dos dados que estão sendo coletados.

Para finalizar esta contextualização metodológica, cabe retomar Thompson, que explica que, por mais que os métodos de análises sejam rigorosos e sistemáticos, não anulam a necessária construção criativa do significado, ou seja, uma interpretação apropriada do que está sendo dito ou representado durante os processos do estudo.

No caso desta pesquisa, o foco está nas etnicidades e a forma como se constroem as relações entre os colaboradores do estudo para compreender como o Clube da Leitura Preta contribui no enfrentamento ao racismo. Logo, é importante ressaltar que desde gestos, imagens, trejeitos até o contexto do que não foi verbalizado, fazem parte deste estudo, e isso vai além do método para a construção do projeto. Utiliza-se aqui, o método da pesquisa-ação que, segundo Thiollent (1986, p. 16):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A utilização da pesquisa-ação como metodologia de trabalho requer do pesquisador um envolvimento efetivo com os sujeitos que compõem o objeto a ser investigado e consequentemente, uma postura autônoma por parte dele.

Diante do exposto, entende-se que a pesquisa-ação envolve a participação dos sujeitos implicados (pesquisador e pesquisados) nos problemas investigados de forma consciente e autônoma. Assim, utilizei o método da pesquisa-ação, conceituado por Thiollent para guiar as estratégias de coleta de dados para a pesquisa.

Na pesquisa-ação, os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas [...] que consiste em organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada [...] necessária para que haja reciprocidade por parte das pessoas e grupos implicados nesta situação. (THIOLLENT, 2009, p.16).

Essas reflexões embasam o que entendemos pelo papel do pesquisador que está além da coleta de dados em campo, mas também atrelado a suas responsabilidades e funções no campo. Sendo assim, é evidente que não há a possibilidade de desvincular a pesquisadora de suas outras atribuições no clube da leitura, essenciais para o desencadeamento do estudo posto.

Considerando o papel da pesquisadora como facilitadora e coordenadora das atividades do Clube da Leitura Preta, é válido ressaltar que essa atuação não se limita à coleta de dados, mas se estende a todas as outras articulações necessárias para a realização dos encontros. Essa posição de envolvimento direto com o campo fundamenta a utilização da antropologia engajada como uma das bases teórico-metodológicas deste estudo.

Tal perspectiva se alinha à abordagem êmica, que busca compreender os significados culturais, valores e crenças de um grupo social, princípio que orienta esta pesquisa. Como pontua Kirsch (2010, p. 78, tradução livre)<sup>7</sup>, “eles [antropólogos engajados] não procuram nada menos que o enriquecimento das melhores tradições da pesquisa etnográfica enquanto, simultaneamente, abordam questões importantes de justiça social.

A partir dessas metodologias, pode-se pensar nas estratégias de enfrentamento dos desafios que existem no processo da pesquisa e também a possibilidade de avançar profundamente nas investigações em campo.

No que se refere aos participantes da pesquisa – adolescentes quilombolas autodeclarados negros, pretos e pardos, de ambos os sexos, todos com idade de 16 anos – toma-se aqui, a definição de adolescência elaborada pela educadora e pesquisadora Brasileira, Alberti. A autora

---

<sup>7</sup> “(...) they [engaged anthropologists] seek nothing less than the enrichment of the finest traditions of ethnographic research while simultaneously addressing important questions of social justice.”

---

(2004) sustenta que a adolescência é o trabalho de elaborar escolhas, o que implica se deparar com a castração, com a falta e tentar dar a ela uma resposta que seja criativa.

Essas escolhas, na fase da adolescência, dizem respeito à decisão de se diferenciar das figuras parentais — não necessariamente dos pais concretos, mas, sobretudo, das identificações rígidas estabelecidas com eles. Trata-se de um movimento de deslocamento simbólico que possibilita a construção de novos referenciais identitários. Esse processo costuma ser vivido com angústia, variando em intensidade entre os sujeitos; diante disso, cada indivíduo elabora uma resposta singular, ainda que, muitas vezes, busque sustentação e reconhecimento no coletivo.

Paralelamente, o foco recai sobre as etnias e os grupos étnicos, a fim de compreender a dinâmica dos grupos frente às fronteiras, sobretudo contextualizando o território quilombola dos colaboradores do estudo. Como propõe Barth (1969), as distinções étnicas não dependem de uma ausência de interação social e aceitação, mas são, muito ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes. Ainda de acordo com o autor (1969, p. 16),

O contraste entre “nós” e os “outros” está inscrito na organização da etnicidade: uma alteridade dos demais que está explicitamente relacionada à asserção de diferenças culturais. Assim, comecemos por repensar a cultura, a base a partir da qual emergem os grupos étnicos.

Assim, a partir do contato com o outro, podemos conhecer a nós mesmos e como ocorrem as questões em nossa sociedade no confronto com o outro, penetrando nos interstícios dos sistemas sociais. Nessa perspectiva, Nascimento (2021, p. 248) defende:

“Quilombo” marca um processo de ação, atividade, conduta dentro dos princípios antes mencionados. Aí reside sua trajetória e importância histórica: essa característica de processo, de continuum. Entretanto, não pensamos esse contínuo como estático, e sim como dinâmico.

Nesse contexto, pode-se pensar nas substâncias das etnicidades que compõem esses quilombolas considerando as suas articulações realizadas pelo clube nesse espaço. Ao analisarmos a formação histórica do nosso país, é possível perceber que o quilombo ainda é visto por uma ótica colonial, assim como as culturas provenientes dessas comunidades, mas é partir dos movimentos de realizados no processo de pesquisa que compactuamos com uma das características valiosas do quilombo, a continuidade das histórias.

Como nos diz Beatriz Nascimento (1985), ao abordar o conceito de quilombo como uma entidade viva e contemporânea, em um de seus artigos na revista *Afrodiaspora*. Ela afirma que “o quilombo é vivo”, nos convidando a pensar que esse território não deveria ser visto como algo que ficou no passado, e sim como um território em movimento. No entanto, mesmo com as crescentes discussões sobre essas temáticas, ainda nos deparamos com uma lacuna entre compreender de fato a importância desses conhecimentos e aplicá-los na prática.

#### **4.2 Abordagens Possíveis do Clube da Leitura Preta**

Como mencionado anteriormente, é importante acessar os campos do conhecimento no intento de desenvolver novas estratégias de fomentar as relações entre os grupos étnicos, a fim de compreender as relações que se constroem entre as etnicidades e os enfrentamentos as desigualdades que surgem a partir desse movimento. Desse modo, a importância em produzir estudos dessa natureza reside em atentar para a necessidade de produzir conteúdo sobre as Etnicidades, com adolescentes quilombolas, para que pensem a construção da identidade individual e coletiva, assim como as substâncias que as compõem para a manutenção do sentimento de pertença.

Além disso, possibilitar a socialização de vivências é significativo no intuito de compreender melhor as relações humanas, com ressalva para a fase da vida em que os colaboradores desta pesquisa se encontram: a adolescência. Segundo Lopes de Oliveira (2006), a importância da diferenciação, tendência responsável pela enfática afirmação das marcas culturais típicas de cada geração, passa a ganhar mais evidência durante a adolescência, e isso diz muito sobre o modus como as relações se operacionalizam. Portanto, no Clube podemos acompanhar como se configuram as relações nesse espaço coletivo, e por sua vez, entender os atravessamentos do outro para construção do respeito para com as diferenças.

Da mesma forma, essa discussão leva a refletir sobre a importância de espaços como o Clube da Leitura Preta, enquanto sujeito de pesquisa, para incentivar outras práticas para debates no campo das práticas antirracistas, identitárias e etnicidades. Todavia, essas questões ressaltadas até aqui, também propõem a manutenção da memória dessas comunidades à medida em que articulamos com as novas gerações o que foi passado para elas.

A metodologia do presente trabalho envolveu rodas de conversa, oficinas e produções escritas, organizadas de forma dialógica, com foco em temas como escrevivência, memória, ancestralidade, identidade e relações étnicas. Os dados foram registrados por meio da observação participante, diário de campo e textos produzidos pelos participantes que são os

sujeitos empíricos desta pesquisa. Os roteiros que orientam essas atividades encontram-se disponíveis nos apêndices (p. 85) deste trabalho.

O critério de inclusão na pesquisa se dá a partir de ser participante do Clube da Leitura Preta desde o início do projeto, ser quilombola e concordar em participar da pesquisa. O critério de aceitação ou não para participação se dá a partir do fato de ser quilombola e ter mais tempo frequentando.

Vale ressaltar que todo o desenvolvimento da pesquisa será realizado com base nas orientações do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), visando uma postura ética e coerente, a fim de evitar constrangimentos ou desconfortos aos participantes envolvidos. Assim também, são os cuidados com os riscos, mesmo que essa pesquisa não proporcione riscos potenciais ou reais à saúde física das(os) participantes, uma vez que o contato será feito de forma ética, com todos os cuidados devidos à realização da pesquisa. Entretanto, se algum (a) participante sentir-se desconfortável será retirada(o) da pesquisa. Assumimos a responsabilidade de intervir buscando minimizar os riscos como medo, sensação ruim, ansiedade, entre outras situações em que o participante não se sinta bem, entretanto, caso ocorram, tomaremos as providências necessárias para resolvê-los.

Os benefícios proporcionados pelo estudo poderão contribuir com a reflexão sobre a importância de discutir acerca das questões sociais que são pautadas, em uma sociedade que precisa valorizar o outro e a suas diferenças. Além da ampliação de recursos didáticos para esse debate que emerge de forma latente na nossa contemporaneidade.

O lócus e colaboradoras(es) da pesquisa é o Clube da Leitura Preta, que constitui-se simultaneamente como lócus e também como sujeito coletivo, uma vez que é nesse espaço que se produz práticas, sentidos e narrativas que configuram a experiência educativa investigada. Do total de 05 convidados, todos eles são estudantes de escola pública e quilombolas do quilombo urbano Barro Preto, localizado no município de Jequié, Bahia.

Aqui lançaremos mão de algumas informações sobre idade, gênero, sexualidade, raça/etnia, o que pensam sobre as leituras do Clube e o que pensam sobre as tradições que o atravessam. Os nomes dos informantes serão substituídos por pseudônimos inspirados em uma lenda, a de Aang<sup>8</sup>, uma das animações mais bem sucedidas da Nickelodeon, um canal de tv estrangeiro. O enredo é um universo onde as pessoas conseguem controlar esses elementos. Nomeando-os

---

<sup>8</sup> Avatar, a Lenda de Aang. Os nomes utilizados para identificar os participantes são pseudônimos escolhidos pela pesquisadora, inspirados nos elementos da natureza (Ar, Fogo, Terra, Água e Metal). Essa escolha visa proteger a identidade dos adolescentes quilombolas, conforme os princípios éticos da pesquisa com seres humanos (Resolução CNS nº 510/2016), ao mesmo tempo em que atribui simbologia aos sujeitos, relacionando suas narrativas às forças simbólicas, culturais e ancestrais presentes em suas vivências e trajetórias.

---

como Fogo, Terra, Ar, Água e Energia, arquétipos sugeridos pelos participantes por simbolizarem o avatar.

As Questões Éticas, são arroladas às experiências e interpretações de todos os participantes envolvidos na pesquisa, neste caso, adolescentes em período escolar. No intento, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa para aplicação das normas éticas, conforme anexo. Ademais pelo aporte ético, tem o um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis dos participantes, autorizando a colaboração. E também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos adolescentes que participam da pesquisa, os quais estarão livres para seguirem ou abandonarem a colaboração, quando assim desejarem, de acordo com a resolução 510/2016, pois são voluntários selecionados a partir do tempo de participação no Clube. Isso garante a segurança de que não será identificada e que se manterá o caráter confidencial de todas as informações relacionadas com a privacidade. Dessa maneira, esta pesquisa segue os aportes da Resolução 466 (Brasil, 2012) em todas as suas etapas e só será iniciada após sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB).

A metodologia de análise dos dados, é baseada inicialmente com a tabulação das informações oriundas da observação, das respostas às oficinas e das atividades escritas feitas com os colaboradores. Minayo ressalta (2009, p.7), devemos pensar a pesquisa social como “a dinâmica de descobrir as entranhas do mundo e da sociedade”. E a medida em que movimentamos essa realidade a partir da adolescência estamos contribuindo para que tenhamos adultos com mais consciência da importância do respeito às diferenças para um projeto de sociedade menos adoecido. Tudo está sendo analisado de forma qualitativa, traçando o perfil das(os) participantes (idade, gênero, etnia/raça, quanto tempo participam do clube de leitura, a intimidade com os livros apresentados, assim como o conhecimento que trazem em suas tradições familiares, os autores negros e indígenas que conhecem. E em um segundo momento, descritiva e interpretativa, a partir da proposta teórico-metodológica, confrontado os dados levantados com o referencial já existente, bem como, com as bases epistemológicas já construídas sobre o tema.

Os caminhos metodológicos estão articulados com os princípios da pesquisa-ação e também da antropologia engajada, que por vezes colaborou para as expectativas planejadas nessa fase da pesquisa, sobretudo por entender o compromisso ético-político enquanto pesquisadora. Partimos do princípio de que não é possível manter a neutralidade quando os sujeitos pesquisados estão em situação de vulnerabilidade histórica, como comunidades indígenas e

quilombolas. João Pacheco de Oliveira (2016, p. 147), um dos mais importantes antropólogos brasileiros contemporâneos, amplamente reconhecido por sua atuação nas áreas de antropologia indígena, direitos territoriais e políticas públicas para povos e comunidades tradicionais, nos diz que:

A atuação do antropólogo não pode se limitar à análise distanciada dos fatos sociais; ela deve envolver um compromisso ético com os sujeitos com os quais trabalha, especialmente quando estes enfrentam processos de violação de direitos. A antropologia deve ser uma ciência implicada com a transformação social.

A fala de João Pacheco de Oliveira nos convoca a pensar o papel do antropólogo não como alguém que apenas observa e descreve, mas como sujeito implicado nas realidades que estuda. Não é possível se aproximar de comunidades historicamente violadas – como povos indígenas e quilombolas — e manter-se num lugar de neutralidade ou distanciamento. Quando há vidas ameaçadas, territórios em disputa e memórias apagadas, o silêncio também é uma forma de posicionamento. O conhecimento não se constrói sobre os outros, mas junto com eles, em um processo que envolve escuta, troca e responsabilidade. É nesse chão que se ergue a antropologia engajada: não como uma vertente ideológica, mas como um compromisso ético com a vida e com a justiça, no qual acreditamos nessa fonte para fomentar nosso estudo. Sobretudo por entender a importância de impulsionar acessos de conhecimentos étnicos a adolescentes, principalmente por pensar o quão positivo é uma sociedade em que a juventude se faz consciente de ferramentas que possibilitem mudanças. Nesse sentido, Alberti (2004, p. 89), diz que,

Ouvir os adolescentes significa dar-lhes espaço para dizer de si, do seu cotidiano, da sua visão de mundo. O cotidiano não é neutro, ele é atravessado por contradições, por relações de poder, por conflitos sociais e simbólicos. A escola precisa considerar isso.

Nesta perspectiva, entende-se como o pensamento sustenta a urgência de trazer para o ambiente escolar temas como identidade racial, pertencimento, exclusão, representação e resistência. Em contextos marcados pela negritude, pela ancestralidade e pela luta por afirmação – como no caso dos adolescentes quilombolas do Clube da Leitura Preta – essa escuta se torna ainda mais essencial. Não se trata apenas de incluir conteúdos étnico-raciais no currículo, mas de reconhecer as vivências racializadas como saberes legítimos e fundantes do processo educativo.

## **5 CAPÍTULO IV: LETRAMENTO RACIAL COMO PRÁTICA EM CONSTRUÇÃO: EXPERIÊNCIAS ANTIRRACISTAS NO CLUBE DA LEITURA PRETA**

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados durante ao longo da pesquisa. A investigação se deu por meio de observação participante nos encontros do Clube da Leitura Preta e de entrevistas com colaboradoras externas: professoras em atuação e aposentadas. Além disso, serão examinados os resultados de duas oficinas realizadas com os adolescentes participantes, buscando compreender como as relações que se estabelecem nesses espaços de interação moldam e são moldados pela expressão de suas diferentes etnicidades.

É válido ressaltar que no encontro entre os diferentes, conforme sublinha Ortiz (1993, p. 24) uns aprendem com os outros, pois, há modificação sempre que pessoas com diferentes visões de mundo se encontram. Ademais, também será apresentado o processo de curadoria dos livros de autoria negra que são abordados no projeto, essa ênfase nas obras literárias negras, inclusive, é um diferencial para o Clube, tornando-o pioneiro em Jequié.

. Essas leituras são propostas justamente por não serem encontradas ainda nos cânones literários. E mesmo com a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003, sabe-se que há uma lacuna no que condiz ao ensino da cultura afro na teoria e na prática com adolescentes. Nesse sentido, ao reafirmar o meu compromisso enquanto pesquisadora negra, estrategicamente luto contra o sistema, inserindo literaturas consideradas à margem durante muito tempo, para enfraquecer os preconceitos e fomentar a etnicidade.

O movimento de se reconhecer a medida em que se tem acesso a determinadas leituras é importante, sobretudo para a construção e valorização das identidades e culturas. E demarcar a literatura negra como ferramenta que possibilita o pensar por uma perspectiva menos desigual é uma forma de reparar o histórico de invisibilidade que sofremos no Brasil.

As pessoas negras e indígenas ainda carregam o legado do apagamento de suas trajetórias, e a cultura oral dessas minorias ainda é mantida através da oralidade, apesar de hoje termos acessos a registros escritos e publicações. Não podemos negar os avanços, mas também não como negar o legado do período escravocrata para as populações. E no Brasil podemos observar como se movimentam essas questões, sobretudo por conta da convivência multicultural na sociedade e a estrutura que também atravessam as relações sociais estabelecidas.

Ao se auto apresentar indicando de onde vem, a que família pertence, e qual o seu modo de se expressar no mundo, os sujeitos dizem muito sobre a sua cultura e o que movimenta sua etnicidade. Ao lidarmos com o grupo de participantes do Clube que colaboram com esse estudo,

por exemplo, é inevitável não observarmos as etnicidades que atravessam cada um, e as diferentes formas de abordagem utilizadas para se comunicar.

[...] O trabalho árduo sempre foi a nossa base, uma lição moldada pelo exemplo da minha avó, que trabalhou honestamente em casas de família para sustentar a casa, e que me inspirou profundamente. Minha mãe e a professora que me acompanhou desde pequena sempre me apoiaram incondicionalmente. Minha fé em Deus me guia, me traz segurança, me renova e me fortalece.

Esse trecho destacado da narrativa de uma colaboradora (Vento, 2025) do estudo, que participa do Clube desde o início, reflete também quem são as referências desses adolescentes quando partimos para saber mais sobre as suas etnicidades. Segundo Cunha (2007): "A cultura não é só um conjunto de práticas e saberes, mas um espaço de luta. A identidade de um povo, as suas formas de viver, de acreditar, de resistir, são o resultado de uma história de superação constante." Cunha (2007, p. 98) enfatiza que "a cultura é uma forma de resistência e, por meio dela, os grupos oprimidos afirmam a sua identidade, a sua capacidade de resistir, de viver e de continuar a sua luta".

Cunha (2007) discute a importância da cultura como resistência, especialmente no contexto de comunidades quilombolas. Ela destaca que, para os quilombolas, a preservação da cultura não é apenas uma questão de identidade, mas também de resistência histórica e afirmação de direitos, incluindo o desejo de vencer as adversidades impostas pela exclusão e discriminação. A autora também aborda a questão das práticas culturais e dos costumes, como o ato de "pedir bênção" aos mais velhos, especialmente no contexto das comunidades afro-brasileiras e quilombolas. Ela vê essas práticas como formas de resistência cultural e afirmação de identidade. Sendo assim, podemos observar a manutenção dessa pertença no trecho (Metal, 2025) abaixo:

[...] Damos *bença* sempre aos mais velhos, na semana santa damos caruru e vatapá aos nossos familiares e vizinhos. Minha avó me ensinava a trançar, e fazia penteados em meu cabelo.

Não somente a prática da bênção, mas também nos chamou a atenção os aprendizados que ela teve com a sua avó, e arrolados ao pensamento de Cunha (2007) podemos refletir sobre os valores que essas ações carregam para além da formalidade, mas pela conexão de continuidade das gerações e dos saberes que envolvem essas questões. As narrativas, também demonstravam que eles reconheciam as suas qualidades enquanto sujeitos, como nesse trecho escrito por outro colaborador (Fogo, 2025):

Eu sou uma pessoa que me dou bem com a minha família gosto de perguntar pra minha avó como era o passado de como era a infância dela pra saber um pouco mais sobre de como "eu acabei chegando a esse mundo.

O contato dos adolescentes quilombolas é muito forte, e é possível identificar olhando cada uma das narrativas, como elas vão se voltar para o seus mais velhos e também para a comunidade. A avó acaba sendo esse elo entre o antes, o depois e o agora para eles, como podemos observar neste trecho retirado da narrativa de Água.

Isso me faz refletir sobre o papel fundamental dessas grandes griôs, que são detentoras dos saberes de suas famílias e de toda a comunidade. Talvez, hoje, a sociedade seja menos desafiadora para se viver se levarmos em conta a trajetória das avós dos adolescentes, mas também é possível ver como precisamos de mais passos largos no caminho pela igualdade e respeito às diferenças.

Pra mim, ter um simples queijo e presunto em casa parecia algo tão distante, quase "chique". Crescer nesse ambiente me fez entender as desigualdades da sociedade. A história da minha família é rica em cultura negra, com tradições como a comemoração de Cosme e Damião, onde minha tia incorpora os santos. Isso tudo faz parte de quem eu sou. No clube, aprendi sobre as experiências diferentes das pessoas e como isso influencia nossos caminhos. Essa troca me ajuda a valorizar ainda mais minha própria cultura. (Terra, 2025).

A observação dos elementos constitutivos da etnicidade nesta adolescente – uma das primeiras participantes do Clube – permite identificar marcações alimentares, culturais, religiosas e identitárias, além dos sonhos para o futuro e do sentimento de pertença que a vinculam a suas origens. Nesse processo, a vivência familiar e as tradições exercem um papel central, servindo como alicerce tanto para a formação de sua identidade quanto para a compreensão crítica das desigualdades sociais que a cercam.

Terra, ao mencionar as diferenças entre sua realidade e a de outras pessoas, faz um paralelo com as experiências que a ajudam a enriquecer a sua própria história. É interessante perceber que a celebração de Cosme e Damião e a incorporação dos santos por sua tia representam uma prática cultural afro-brasileira que remonta à resistência e à preservação das tradições africanas no Brasil, um elemento de força e pertencimento. Essas tradições, frequentemente vistas com uma certa excentricidade por outros, são partes essenciais da identidade e cultura de Terra, como ela mesma reconhece.

Além disso, o fato de ela refletir sobre o ambiente em que cresceu, vendo o queijo e presunto como algo "chique", aponta para a percepção das desigualdades sociais, levando-a a valorizar

mais profundamente sua herança cultural. A experiência no clube parece ajudá-la a compreender que a troca de vivências com pessoas de diferentes contextos contribui para fortalecer sua própria identidade cultural. Assim como ela, outro colaborador, destaca: “O clube, ele também é uma família, no clube nós vivemos coisas e aprendemos também que os nossos pais talvez não possam ter, e isso é muito comovente” (Terra, 2025).

Vê-se como o Clube da Leitura Preta representa um espaço importante na trajetória e na construção de letramento desses meninos e meninas, no intuito de fomentar as suas identidades e também as relações que se moldam entre as interações. Sendo elas importantes para vínculos entre os sujeitos, no que tange uma sociedade com menos tolerância às diferenças, e sim mais respeito. Durante a entrevista sobre o conhecimento em relação a iniciativas como o Clube nas suas escolas, foi dito:

Nunca ouvi falar de espaços de leitura voltados para essa temática nem nas escolas e nem em projetos na cidade de Jequié” (Entrevistada 1, professora da rede Estadual, 2025).

Clube de Leitura, tinha sim, inclusive no extinto Colégio Maria José, onde atuei na maior parte do meu tempo de Estado, existia um projeto lindo de leitura sob a coordenação da professora Gislene, mas não era voltado para a temática da Leitura Negra. Foram trabalhadas diversas leituras. Assim como os colégios municipais que também trabalhavam com projetos de leituras, mas nenhum projeto específico para Leitura Negra! (Entrevistada 2, professora e gestora aposentada da rede Estadual, 2025).

Não tenho conhecimento, Jessika. Para ser franca, um clube com essa especificidade conheci através de você. (Entrevistada 3, professora aposentada da rede estadual e professora atuante no ensino superior estadual, 2025).

Conheço o Empretecer no Modelo, que não era um clube de leitura, mas uma proposta de educação antirracista tendo as autoras negras do território como mote para discussão. (Entrevistada 4, professora da rede estadual, 2025).

As falas das entrevistadas reforçam que ainda há uma lacuna na perspectiva efetiva à promoção da literatura negra nos espaços escolares, especialmente nas políticas de leitura com esse recorte no município. Tal ausência corrobora o que apontam autores como Nilma Lino Gomes (2017) e Kabengele Munanga (2004), ao denunciarem o apagamento da história e das culturas negras e indígenas nos currículos escolares.

A falta de clubes, projetos ou práticas pedagógicas que valorizem a produção literária de autoras e autores negros, mesmo em instituições que já desenvolvem ações de incentivo à leitura, revela o quanto o racismo estrutural se manifesta também por meio da exclusão simbólica (Almeida, 2019).

A existência do Clube da Leitura Preta, nesse contexto, se destaca como prática inovadora, disruptiva e contra hegemônica. Desse modo, compreendemos que o Clube é uma iniciativa pioneira no município, para adolescentes no combate ao racismo e na criação de novos pensamentos sobre gênero, etnias, sociedade e cultura através de leituras negras e indígenas.

No entanto, nos chamou atenção também nessas pesquisas, o crescente número de projetos com objetivos parecidos com os do Clube a partir do seu surgimento, em 2020. Sendo vista como uma iniciativa multiplicadora, com o papel fundamental de inspirar outros projetos no município e no Brasil. Em abril de 2025, a Revista Gama publicou uma matéria<sup>9</sup> sobre a importância dos Clubes de Leitura no país, e o Clube da Leitura Preta assim como o meu trabalho enquanto educadora foi citado na matéria como uma referência.

Outro dado observado é a importância da figura da avó e como ela está presente em todas as narrativas destes adolescentes quilombolas. Embora sejam criados pelos seus pais, como já relataram durante os encontros no projeto de leitura, a figura da avó é uma referência. Evaristo acredita que resgatar essa memória das avós negras é fundamental para que os jovens negros possam se reconhecer e encontrar inspiração em suas raízes, rompendo com os estigmas racistas e ressignificando o seu lugar na sociedade. Segundo Evaristo (2017, p. 15), no poema VozesMulheres, há o entrelaçamento da ancestralidade e da luta cotidiana:

A voz da minha bisavó  
ecoou criança nos  
porões do navio.  
ecoou lamentos de uma  
infância perdida.

A voz da minha avó ecoou  
obediência aos brancos  
donos de tudo.

A voz da minha mãe ecoou  
baixinho revolta no fundo das  
cozinhas alheias debaixo das  
trouxas roupagens sujas dos  
brancos pelo caminho  
empoeirado rumo à favela.

A minha voz ainda ecoa  
versos perplexos

---

<sup>9</sup> Em abril de 2025, a Revista Gama publicou uma matéria que abordava iniciativas de promoção da leitura entre jovens negros no Brasil, destacando o trabalho do Clube da Leitura Preta como uma das experiências que articulam educação, identidade e ancestralidade no cotidiano escolar e comunitário.

com rimas de sangue  
e fome.

A voz de minha filha recolhe  
todas as nossas vozes recolhe  
em si as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si a fala  
e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a  
ressonância o eco da  
vida-liberdade.

E assim, não somente neste estudo, mas em todos os espaços, sempre que houver o compromisso de trabalhar com a juventude e as relações étnicas, o acervo nunca terá fim. Sempre poderemos dar continuidade até mesmo ao que antes não estava posto. E como disse o nosso saudoso Nêgo Bispo (2015, p. 48) “somos povos da circularidade. Ele acreditava que vemos, pensamos e agimos de forma circular, e que não existe fim, pois sempre recomeçamos”. E assim como ele, segue o movimento desta pesquisa, onde analisaremos também alguns dados oriundos das oficinas propostas no Clube.

À medida em que se tinha acesso ao material, cada vez mais imbricada na pesquisa, a circularidade fazia jus ao sentido, e ainda abre uma reflexão importante, sobretudo para quem está começando agora a acessar letramentos étnicos raciais. É importante entender que ninguém está “inventando a roda”, toda essa circularidade já existia, embora fosse em outros formatos, mas advinda dos nossos mais velhos. Quando falamos de cultura em um país como o Brasil, sobretudo da cultura afro-brasileira e quilombola, ainda surge um padrão destes elementos para o senso comum que, por hora, ainda sustenta a ideia de objetificação desses sujeitos. Para a antropóloga, em seu livro *Cultura com Aspas*, Cunha (2009, p.311) ressalta que:

A complexidade do conceito de cultura e critica a forma como ele é frequentemente utilizado para justificar a objetificação e a marginalização de determinados grupos sociais, incluindo os afro-brasileiros e quilombolas. Ela enfatiza que a cultura não deve ser vista como algo fixo ou exótico, mas como uma construção dinâmica e multifacetada que reflete as interações sociais e históricas de um povo.

Ao reconhecer a diversidade cultural e a pluralidade de identidades, Carneiro da Cunha (2007) propõe que a sociedade brasileira repense suas concepções sobre cultura, evitando reducionismos que perpetuam estereótipos e contribuem para a exclusão social. Essa reflexão é

essencial para promover um entendimento mais profundo e respeitoso das diferentes manifestações culturais presentes no país.

Com base nessas reflexões teóricas, torna-se pertinente analisar como tais conceitos se manifestam na prática, especialmente em espaços de formação e diálogo coletivo. As oficinas realizadas no contexto desta pesquisa configuram-se como instrumentos metodológicos importantes para observar e escutar experiências concretas relacionadas à construção de identidades, às práticas de leitura e à memória social. Nessas atividades, foi possível identificar como os participantes percebem e se posicionam diante das questões raciais, culturais e sociais que atravessam suas trajetórias.

A partir da escuta atenta e da observação das interações, emergiram narrativas que revelam tanto os efeitos das estratégias de dominação simbólica quanto os movimentos de resistência e ressignificação promovidos pelos sujeitos envolvidos.

Assim, a oficina não apenas ofereceu um espaço de expressão e escuta, mas também serviu como campo empírico para a compreensão das formas simbólicas em circulação e das disputas por reconhecimento e visibilidade. Os dados produzidos nesse momento serão apresentados a seguir, com base nos registros das falas dos participantes, nas atividades desenvolvidas e nos relatos coletados, sempre respeitando os princípios éticos da pesquisa e garantindo o anonimato dos colaboradores.

Enquanto os adolescentes construíram a primeira fase da oficina, e as peças tomavam forma, o diálogo surgiu entre eles. E à medida em que as folhas de papel se transformaram em elementos que foram ensinados pelos seus mais velhos pude observar a presença da partilha de momentos entre eles.

Surgiram conversas sobre os avós de dois participantes que se conheciam, de avôs que eram tão carinhosos e atenciosos quanto a figura das avós. Foi um momento muito bonito, sobretudo pelos sorrisos estampados nos rostos deles. Alguns diziam que a última vez que tinham feito aqueles “brinquedos” estavam na infância. Pude observar a falta de resistência da proposta da oficina, eles aceitaram de forma receptiva, apesar do nosso contato, nós também já passamos por situações em que os adolescentes não se identificavam com as atividades, principalmente quando não era algo direcionado ao uso do celular. Então acredito que durante esse primeiro momento eles puderam revisitar memórias, e de certa forma estar frente a algo novo, sendo que era a primeira vez que uma oficina assim acontecia no Clube. Nesse sentido, tomamos como pressuposto o contraponto proposto para eles, que é a ideia de caminhar para o futuro dando continuidade aos bens deixados pelos mais velhos.

O objetivo de salvar do desaparecimento os bens remanescentes que atestam a história de nossa civilização, contribuindo, então, na construção da nação brasileira. O patrimônio atribuía um atestado de autenticidade da identidade brasileira a ser referendada (GIOVANAZ, 2014, p. 214).

A autora enfatiza que resguardar os bens culturais de uma comunidade não somente evita o seu desaparecimento, mas também fomenta a identidade, contribuindo para o país. Não são só os povos de uma determinada comunidade que sofrem com o apagamento de sua cultura, mas todo o ecossistema social em que imergem as relações entre os sujeitos, alguns serão afetados de forma direta e outros indireta.

## **6 CAPÍTULO V: ETNICIDADE E SUBJETIVIDADE NEGRAS: AS ESCRIVÊNCIAS E RELATOS DA MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA DE ADOLESCENTES QUILOMBOLAS NO CLUBE DA LEITURA PRETA A PARTIR DAS OFICINAS REALIZADAS**

As oficinas realizadas no contexto desta pesquisa configuram-se como instrumentos metodológicos importantes para observar e escutar experiências concretas relacionadas à construção de identidades, às práticas de leitura e à memória social. Nessas atividades, foi possível identificar como os participantes percebem e se posicionam diante das questões raciais, culturais e sociais que atravessam suas trajetórias.

A partir da escuta atenta e da observação das interações, emergiram narrativas que revelam tanto os efeitos das estratégias de dominação simbólica quanto os movimentos de resistência e ressignificação promovidos pelos sujeitos envolvidos. Assim, a oficina não apenas ofereceu um espaço de expressão e escuta, mas também serviu como campo empírico para a compreensão das formas simbólicas em circulação e das disputas por reconhecimento e visibilidade.

Os dados produzidos nesse momento serão apresentados a seguir, com base nos registros das falas dos participantes, nas atividades desenvolvidas e nos relatos coletados, sempre respeitando os princípios éticos da pesquisa e garantindo o anonimato dos colaboradores.

No desenvolvimento da primeira fase da oficina, tornou-se evidente que a atividade proposta extrapolou a dimensão instrumental da prática pedagógica e assumiu caráter simbólico e formativo mais amplo. À medida que os adolescentes se envolveram na construção das peças, o espaço da oficina passou a funcionar como território de evocação de memórias, saberes familiares e experiências compartilhadas. Os objetos produzidos deixaram de ser apenas materiais confeccionados em sala e passaram a operar como mediadores culturais, acionando

narrativas que conectavam os participantes às histórias de seus mais velhos e às práticas tradicionais de seu território.

Esse processo revelou que a aprendizagem, naquele contexto, não se restringiu à execução técnica da atividade, mas mobilizou camadas profundas de pertencimento. Ao retomarem referências ensinadas por avós e familiares, os adolescentes reinscreveram no presente fragmentos de uma memória coletiva que, muitas vezes, permanece invisibilizada nos currículos escolares. O que emergiu nas interações foi um movimento de reconhecimento mútuo, no qual as experiências individuais passaram a dialogar com uma história comum, fortalecendo vínculos identitários e ampliando a consciência de continuidade cultural.

A oficina, portanto, configurou-se como espaço de circulação de formas simbólicas, no sentido de que ali se produziram e compartilharam significados que ultrapassam o momento imediato da atividade. A partilha de lembranças, a identificação com práticas ancestrais e o reconhecimento das heranças culturais evidenciam que a memória não se apresenta como algo estático, mas como construção dinâmica, constantemente reelaborada nas interações sociais. Ao transformar experiências familiares em matéria de diálogo coletivo, os adolescentes participaram de um processo de atualização do patrimônio cultural de sua comunidade.

Nesse horizonte, a experiência vivida durante a oficina permite compreender como iniciativas educativas podem atuar na preservação e na valorização dos bens simbólicos que sustentam a história de um grupo. A ativação dessas memórias não apenas reafirma identidades, mas contribui para a manutenção de referências culturais que resistem aos processos de apagamento histórico. Assim, o que se observou não foi apenas o engajamento em uma atividade proposta, mas a emergência de um movimento de reconhecimento, continuidade e fortalecimento da identidade coletiva.

A seguir, apresento algumas das respostas escritas, nas quais é possível perceber marcas de subjetividade, afetividade e pertencimento, elementos fundamentais para compreender como esses adolescentes se percebem, se narram e se posicionam no mundo:

O meu sentimento de pertencimento pode ser muito intenso. Ele se manifesta de diferentes formas: orgulho pela história e pelas conquistas da comunidade, respeito pelas tradições e pelos mais velhos, sentimento de segurança e apoio mútuo entre os membros da comunidade, e uma profunda conexão com a terra e o local onde se vive. A perda desse sentimento de pertencimento pode ser muito dolorosa, levando à sensação de deslocamento, isolamento e perda de identidade. Como o clube, ele também é uma família, no clube nós vivemos coisas e aprendemos também que os nossos pais talvez não podem ter, e isso é muito comovente. (Fogo, 16 anos, 2025).

Nas palavras acima podemos identificar um posicionamento de reconhecimento identitário, assim como o de quem sabe sobre a memória e partes importantes da sua história. E apesar da pouca idade, ele demonstra o quanto aprendeu com os seus mais velhos, e a preocupação para que a sua cultura permaneça em manutenção.

Ser adolescente é crescer e descobrir que sua realidade é totalmente diferente do que você pensava como pequeno. É descobrir que o lugar onde você mora é uma área invadida, ou perigosa demais pra se morar. Saber que outras pessoas não gostam de onde moramos, sem simplesmente terem pisado os pés aqui. Desafios como procurar uma educação de qualidade, ir pra uma escola que fica a 5 km de casa, mesmo tendo uma perto, mas a outra tem um ensino melhor e vai te tornar uma profissional da área que tanto gosta. Desafios com transporte de qualidade, segurança e saúde. Postos de saúde que demoram meses para marcarem um exame, cirurgia, consultas. São muitos os problemas que vivo em minha comunidade. Alegria, minha família é de pessoas muito alegres e com costumes comuns. Damos bença sempre aos mais velhos, na semana santa damos caruru e vatapá aos nossos familiares e vizinhos. Minha avó me ensinava a trançar, e fazia penteados em meu cabelo. Dentre outras coisas. (Ar, 16 anos, 2025).

A realidade de uma adolescente moradora da comunidade de forma bem detalhada, incluindo também os pontos negativos de assistências nesse espaço, mas também nos traz diferentes elementos simbólicos que marcaram a sua vida, e muitos deles também se fazem presente em outras famílias brasileiras. O pedido da *bença* aos mais velhos como um símbolo de respeito, a oferta do caruru a Cosme e Damião, em uma perspectiva da fé católica de sua família, o aprendizado dos cuidados com o cabelo através da avó, assim como outras coisas que ela traz. E isso nos fez refletir sobre a memória que é repassada às gerações, sobretudo às famílias da comunidade.

Ser adolescente é uma fase cheia de descobertas e desafios, né? Estudei em uma escola quilombola e tive a chance de mergulhar na cultura e história da comunidade. Isso abriu meus olhos para realidades que muita gente não vê, como o esgoto a céu aberto no meu bairro e a falta de recursos que algumas pessoas enfrentam. Pra mim, ter um simples queijo e presunto em casa parecia algo tão distante, quase "chique". Crescer nesse ambiente me fez entender as desigualdades da sociedade. A história da minha família é rica em cultura negra, com tradições como a comemoração de Cosme e Damião, onde minha tia incorpora os santos. Isso tudo faz parte de quem eu sou. No clube, aprendi sobre as experiências diferentes das pessoas e como isso influencia nossos caminhos. Essa troca me ajuda a valorizar ainda mais minha própria cultura. Estar em um espaço que celebra a cultura negra me dá uma visão única do mundo. Me faz refletir sobre como é importante respeitar e reconhecer as diversas identidades ao nosso redor. Cada parte da minha trajetória é uma verdadeira celebração da diversidade. (Terra, 16 anos, 2025).

Eu tenho 16 anos sou um adolescente assumidamente homossexual e negro e vivo em um bairro quilombola não reconhecido. A vida de adolescente não é fácil pois somos cheios de inseguranças e estamos se encontrando ao longo do

tempo, minha maior dificuldade é me sentir bem comigo mesmo pois sinto que a maioria das coisas que eu faço estão erradas e ao mesmo tempo certa, eu não consigo me sentir "amada" pelos meus familiares e amigos pois existe algo complexo em mim que não consigo controlar. Eu sou uma pessoa que me dou bem com a minha família gosto de perguntar pra minha avó como era o passado, de como era a infância dela pra saber um pouco mais sobre como "eu acabei chegando a esse mundo". Ao longo do tempo eu acabei entrando no clube da leitura preta que foi e é uma das melhores experiências que eu já tive na minha vida, que me ajudou a socializar mais e criar coragem pra poder enfrentar certas situações eu agradeço profundamente a Jessika de Oliveira por ter me ajudado ao longo do tempo. (Água, 17 anos, 2025).

Ser adolescente é uma loucura, onde ocorrem mudanças físicas e emocionais intensas. Você tenta descobrir quem é e onde se encaixa, lidando com a pressão social, a busca por aceitação, a comparação nas redes sociais e as inseguranças da transformação física. Há também as pressões da escola e da família. Apesar dos desafios, é uma fase incrível para criar novas amizades e memórias inesquecíveis. Minha experiência, por exemplo, é influenciada pela minha comunidade. No meu bairro, a vizinhança é tranquila e amigável. Compartilho valores e crenças com amigos da igreja e da escola, criando laços fortes baseados em afinidades. Gosto da diversidade da minha cidade, que reflete a miscigenação brasileira, permitindo que eu me identifique com muitas pessoas. A experiência de ser adolescente é única para cada um, independente da origem ou comunidade, mesmo para alguém como eu, quilombola. Sou uma jovem negra, criada na cidade em uma família que me ensinou a honestidade e a independência. O trabalho árduo sempre foi a nossa base, uma lição moldada pelo exemplo da minha avó, que trabalhou honestamente em casas de família para sustentar a casa, e que me inspirou profundamente. Minha mãe e a professora que me acompanhou desde pequena sempre me apoiaram incondicionalmente. Minha fé em Deus me guia, me traz segurança, me renova e me fortalece. Amo a alegria e o calor da minha comunidade, onde sou rodeada de pessoas que me amam e que eu amo também. Sei que elas torcem por mim e isso me dá força. Mas a vida adulta me assusta. O medo de fracasso e a ansiedade de alcançar meus objetivos me deixam insegura, apesar do orgulho de quem estou me tornando. Essa busca pela minha identidade é uma mistura de segurança e insegurança, um reflexo do trabalho árduo e da independência que me foram ensinados. (Vento, 16 anos, 2025).

Podemos ver por meio das marcações evidenciadas na narrativa dos participantes como as substâncias que constroem os seus sentimentos de pertença são postas e reafirmadas. Também é interessante explorar como os grupos humanos constroem e expressam suas identidades culturais, históricas e sociais que estão, longe de serem fixas, são dinâmicas e multifacetadas. Vamos refletir sobre alguns desses aspectos e suas interações, como destaca Geertz, Glazer & Moynihan (1963, p. 109):

As substâncias reafirmam o pertencimento das pessoas aos grupos. A etnicidade pode ser entendida como um conjunto de características comuns a um grupo de pessoas, que as diferenciam de outro grupo. Ela fornece a percepção do papel social dos indivíduos no seu próprio grupo e fora dele. A história compartilhada aliada a socialização são fatores construtores do fenômeno apesar de não o explicarem em sua totalidade. Por isso a etnicidade é um daqueles fenômenos que reúne pessoas de estratos sociais diferentes atravessando as classes sociais.

Além disso, é válido mencionar que a etnicidade fornece uma visão do papel social dos indivíduos dentro e fora de seus grupos. O destaque textual indica que ela atua tanto na compreensão quanto na maneira como as pessoas são vistas pelos outros. No Brasil podemos observar como se movimentam essas questões, sobretudo por conta da convivência multicultural na sociedade e a estrutura que também atravessam as relações sociais estabelecidas.

Ao se auto apresentar, indicando de onde vem, a que família pertence, e qual o seu modo de se expressar no mundo, os sujeitos dizem muito sobre a sua cultura e o que movimenta sua etnicidade. Ao lidar com o grupo de participantes do Clube que colaboram com esse estudo, por exemplo, é inevitável não observarmos as etnicidades que atravessam cada um, e as diferentes formas de abordagem utilizadas para se comunicar.

[...] O trabalho árduo sempre foi a nossa base, uma lição moldada pelo exemplo da minha avó, que trabalhou honestamente em casas de família para sustentar a casa, e que me inspirou profundamente. Minha mãe e a professora que me acompanhou desde pequena sempre me apoiaram incondicionalmente. Minha fé em Deus me guia, me traz segurança, me renova e me fortalece. (Vento, 2025).

Esse trecho destacado da narrativa de uma colaboradora do estudo que participa do Clube desde o início reflete também em quem são as referências desses adolescentes quando partimos para saber mais sobre as suas etnicidades. Segundo Cunha (2009, p.312), "a cultura não é só um conjunto de práticas e saberes, mas um espaço de luta. A identidade de um povo, as suas formas de viver, de acreditar, de resistir, são o resultado de uma história de superação constante". Cunha (2009, p.361) enfatiza que:

A cultura é uma forma de resistência e, por meio dela, os grupos oprimidos afirmam a sua identidade, a sua capacidade de resistir, de viver e de continuar a sua luta.

As narrativas, também demonstravam que eles reconheciam as suas qualidades enquanto sujeitos, como nesse trecho escrito por um colaborador:

Eu sou uma pessoa que me dou bem com a minha família gosto de perguntar pra minha avó como era o passado de como era a infância dela pra saber um pouco mais sobre de como "eu acabei chegando a esse mundo. (Fogo, 2025).

As narrativas dos adolescentes evidenciam que o pertencimento quilombola se estrutura a partir de uma forte dimensão intergeracional. A presença recorrente das figuras das avós e das

referências familiares não aparece apenas como elemento afetivo, mas como expressão de uma cadeia de transmissão de saberes que sustenta a identidade do grupo. Ao retomarem histórias, práticas religiosas, modos de vida e experiências de luta vividas por seus mais velhos, os adolescentes revelam que a memória familiar atua como fundamento de reconhecimento e continuidade cultural.

Essa centralidade das gerações anteriores indica que a construção identitária não se dá de forma isolada, mas no interior de uma rede de relações que articula passado, presente e futuro. A ancestralidade, nesse contexto, funciona como eixo estruturante das etnicidades, pois é por meio dela que os sujeitos se percebem inseridos em uma trajetória histórica comum. As narrativas demonstram que o reconhecimento de si está intrinsecamente ligado ao reconhecimento da história coletiva da comunidade, reforçando a compreensão de que cultura, memória e resistência constituem dimensões indissociáveis.

Ao mencionarem experiências familiares marcadas por dificuldades econômicas, trabalho intenso e desigualdades sociais, os adolescentes situam suas vivências dentro de um processo histórico mais amplo, atravessado pelos efeitos do racismo estrutural. Assim, as memórias evocadas não são apenas recordações individuais, mas expressões de uma história social compartilhada, que continua a reverberar nas condições de vida atuais. Esse movimento evidencia que a identidade quilombola se constrói tanto pela valorização das tradições quanto pela consciência crítica das desigualdades que ainda persistem.

Além disso, a recorrência das referências às avós e às mulheres da família evidencia o papel central das guardiãs da memória na sustentação da vida comunitária. São elas que preservam narrativas, rituais, modos de preparo dos alimentos, práticas religiosas e códigos de convivência que atravessam gerações. Ao aparecerem nas falas dos adolescentes como figuras de autoridade afetiva e cultural, essas mulheres simbolizam a permanência de uma tradição que resiste às tentativas históricas de apagamento. Nesse sentido, a memória transmitida no espaço doméstico e comunitário não se opõe ao espaço escolar, mas o tensiona, ampliando as possibilidades de compreensão da identidade para além dos limites do currículo formal. A ancestralidade, portanto, não é evocada apenas como herança do passado, mas como presença ativa que orienta escolhas, valores e projetos de futuro.

Esse foi um dos pontos que pensamos sobre a importância de entender as relações que se constroem entre as diferentes etnicidades dos adolescentes, sobretudo por acreditar que eles são o presente e o segmento dos que já não existem. No romance *Becos da Memória* de Evaristo (2017), um dos livros trabalhados no projeto, traz à tona, por meio dos seus personagens, uma realidade aproximada da dos jovens colaboradores deste estudo. Segundo eles:

Quando comecei a ler este livro, me identifiquei de cara com os nomes dos personagens, nunca imaginei que nomes que a gente usa lá em casa e que também é nome e apelido de gente da minha família pudesse estar num livro tão bom. Mas não é só isso, eu também achei bom saber que existe um motivo, na verdade um sistema que faz com que por exemplo ainda seja difícil sair destes becos e morar no centro, por exemplo. E isso não é só porque os meus pais trabalham pouco, pelo contrário eles trabalham muito, mas ainda colhemos hoje coisas que são frutos da época da escravidão. (Terra, 16 anos, 2025).

As histórias vão surgindo na trama, e o universo apresentado de forma fictícia para os leitores, lhe parece familiar, como dito por outra colaboradora da pesquisa:

Eu comentei com minha mãe sobre o livro, nem ela sabia também que essas coisas que passam no livro e que se passa também na vida da gente dava um livro bom desse, porque a gente sempre vê nossas histórias no jornal na página de crimes. É bom saber que uma escritora como essa que é negra explica o porquê de muita coisa na favela. (Ar, 16 anos, 2025).

Um dos colaboradores da pesquisa conta que:

Eu nunca imaginaria que sairia um livro de verdade pelo grupo de *WhatsApp*. Eu acho que a gente é tão fechado a uma só coisa que nunca se deu conta que a plataforma também podia servir para ser autor. Eu gostei e acho que na escola também poderíamos fazer alguma atividade assim. (Terra, 16 anos, 2025).

Segundo eles, foi a primeira vez que usaram a plataforma para criar um livro. Uma das participantes relatou que:

Meu pai nem acreditou quando me viu escrevendo um livro pelo *WhatsApp*, ele pensou que era brincadeira, nossos pais sempre pensam mal do celular mais usam, ao menos a gente tava usando para uma coisa séria e muito chique porque é chique gente escrever sobre a gente. (ÁGUA, 16 anos, 2025).

A fala da colaboradora evidencia a potência da escrevivência enquanto prática de produção de sentidos e afirmação identitária no contexto do Clube da Leitura Preta. Ao narrar a surpresa do pai diante da escrita realizada por meio do celular, a adolescente revela não apenas uma ruptura com estigmas associados ao uso das tecnologias digitais, mas também um deslocamento simbólico: o reconhecimento de si como autora e produtora de conhecimento.

Escrever “sobre a gente”, como afirma a colaboradora, assume um caráter político, ao romper com a lógica que historicamente reservou a escrita e a autoria a determinados grupos sociais. A escrita mediada pelas tecnologias digitais, nesse contexto, amplia as possibilidades

de expressão e circulação das narrativas juvenis, especialmente entre adolescentes quilombolas, cujas experiências e histórias são frequentemente silenciadas nos espaços escolares formais.

Ao utilizar o *WhatsApp* como ferramenta de escrita, a colaboradora ressignifica o uso do celular, transformando-o em instrumento de produção cultural e de afirmação de pertencimento. Essa experiência dialoga diretamente com o conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo (2018), ao compreender a escrita como um espaço em que vida, memória e experiência se entrelaçam. A escrita deixa de ser apenas um exercício escolar para se tornar um ato de autoria, reconhecimento e construção de identidade.

Ao afirmar que “é chique escrever sobre a gente”, a adolescente explicita a valorização de si e de sua história, deslocando narrativas de inferiorização historicamente associadas à juventude negra e quilombola. Nesse sentido, o Clube da Leitura Preta se constitui como um espaço que legitima essas práticas de escrita e leitura, promovendo a circulação de saberes e narrativas que fortalecem o protagonismo juvenil e o enfrentamento ao racismo no cotidiano escolar.

A escrevivência, aqui, emerge não apenas como conceito teórico, mas como prática viva, construída coletivamente e ancorada nas experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

## **6.1 Resultados da Primeira Oficina Realizada no Clube da Leitura Preta com os Colaboradores da Pesquisa**

A seguir apresentamos os resultados da primeira etapa da oficina, esses objetos feitos pelos adolescentes e que tem um papel importante não somente na reflexão das abordagens que faremos aqui, mas também nas suas memórias, pois fazem parte de um ciclo de saberes que também atravessaram outras gerações de suas famílias, e pudemos perceber isso nos processos de observação desta atividade. Contudo, Beatriz Nascimento (2021) introduziu o conceito de "aquilombamento" para descrever a prática de se reunir e compartilhar experiências, conhecimentos e estratégias de resistência. Segundo ela, a prática de repassar os saberes, mantinha viva as tradições entre as comunidades. Uma das colaboradoras do estudo, comenta que:

Eu aprendi com a minha tia a fazer, lá em casa o pessoal não ensina muita coisa assim de brincar não, ou pra passar o tempo, não, mas esse aqui eu já vi minha tia fazendo e aprendi”. (Vento, 15 anos).

**Fotografia 1** – Um barco de papel



**Fonte:** Acervo da autora

O que aos olhos comuns pode parecer apenas um simples avião de papel, para ela representa uma memória afetiva que faz parte da sua cultura e permeia a memória familiar. Ao aprender com a sua tia esse brinquedo, pode nos remeter a pensar sobre as etnicidades que nutrem esse grupo familiar.

Em suas reflexões, Beatriz Nascimento (2021) diz que as mulheres mais velhas, como as tias e matriarcas da comunidade, são responsáveis por criar, orientar, cuidar e moldar as mentes, corpos e territórios das gerações seguintes. Essa transmissão de saberes e valores é vista como uma prática essencial para a manutenção e fortalecimento da identidade cultural negra. E nos certificamos desse processo à medida em que avançamos nas análises dos dados.

### **Fotografia 2 – Canoa de papel**



**Fonte:** Acervo da autora

Eu aprendi com o meu pai, ele quem me ensinou a fazer essa. (Terra, 16 anos).

Embora a literatura acadêmica frequentemente destaque o papel das mulheres na transmissão de saberes, os homens também desempenham um papel crucial nesse processo, especialmente no que se refere à educação das filhas.

**Fotografia 3** – Chapéu de soldado



**Fonte:** Acervo da autora

O meu avô quem me ensinou a fazer esse chapéu, ele também fazia para mim desde pequena e aí eu olhando e ele me ensinando aprendi a fazer a nossa obra de arte da família. (Metal, 16 anos).

Nêgo Bispo (2023), intelectual quilombola do Piauí que nos deixou em 03 de dezembro de 2023, enfatizava a importância da transmissão de saberes entre as gerações, especialmente envolvendo os avôs e netos. Ele criticava a visão da sociedade euro cristã que marginaliza os mais velhos, colocando-os em asilos, e ressalta que, nos quilombos, os mais velhos e as crianças são profundamente respeitados. Em cada uma das narrativas é possível ver através das palavras o respeito ao falar dos seus mais velhos, além da expressão de agradecimento nas palavras por ter aprendido algumas práticas.

#### Fotografia 4 – Os olhos que me olhavam



Fonte: Acervo da autora

Eu aprendi sozinho, não lembro se alguém me ensinou. (Água, 16 anos).

Apesar dos ensinamentos que se moldam de forma mais direta, também se tem, em contrapartida, os que perpassam em formas indiretas. Além do que é explicitamente ensinado, há um vasto campo de conhecimentos implícitos, revelados pelo que não é dito.

#### Fotografia 5 – Avião dos sonhos



Fonte: Acervo da autora

Eu aprendi com a minha avó, ela me ensinou a fazer esse avião, aliás, primeiro ela fazia ele e me dava para brincar, e depois ela me ensinou a fazer. (Ar, 16 anos)

Um dos pontos que pude refletir ao analisar estes dados, com estes objetos carregados de significado. Nenhuma dessas figuras personificadas é imóvel, pelo contrário. O chapéu está sempre em movimento ao ocupar a cabeça de alguém, o avião voa por diversos destinos, o barco e os olhos, todos com essa característica em comum. E isso me remete destacar a resistência

dos seus mais velhos que, em tempos difíceis, levando em conta os processos históricos de desigualdades, puderam repassar saberes que intuem os sonhos. Assim como o movimento de cada um desses objetos no mundo físico.

Na oficina, durante o processo de criação, foi possível perceber a facilidade que os colaboradores tiveram para criar os objetos, nomeados por eles como “brinquedos”, que foram ensinados pelas suas famílias, um acontecimento que hoje pode ser difícil para nossas crianças, levando em conta que a maioria está imersa ao mundo tecnológico onde os brinquedos não são artesanais. Então resgatar essa memória também é uma forma de pertencimento e de não deixar a história de algumas famílias morrer. Para Munanga (1994 *apud* Sousa, 2005, p. 30).

:

A identidade passa pela cor da pele, pela cultura, ou pela produção cultural do negro; passa pela contribuição histórica do negro na sociedade brasileira, na construção da economia do país com seu sangue; passa pela recuperação de sua história africana, de sua visão de mundo, de sua religião.

Desse modo, cabe aqui concordar com Munanga no que diz respeito ao pensamento sobre as identidades e conseqüentemente as etnicidades, pois ao abordarmos as relações étnicas nessas etapas da oficina é preciso levar em conta os processos de interação.

## 6.2 Impressões e Narrativas dos Participantes

Em uma pesquisa-ação, a coleta de narrativas assume papel central, pois é por meio da interpretação de histórias e relatos, produzidos ao longo do processo de intervenção, que se busca compreender as experiências, percepções e significados atribuídos pelos participantes. Para Thiollent (1986), analisar as narrativas como dados além de compreender as dadas realidades, corrobora com as reflexões acerca das experiências dos adolescentes.

A oficina foi realizada como parte das ações interventivas da pesquisa-ação, reunindo adolescentes participantes do clube de leitura em um espaço coletivo de escuta, troca e reflexão. A atividade teve como foco central a valorização das experiências individuais e coletivas por meio do diálogo sobre temas como identidade, memória, trajetória de leitura e pertencimento cultural. Durante a oficina, os participantes foram convidados a compartilhar lembranças, sentimentos e percepções relacionados às suas vivências pessoais e ao contato com os livros, possibilitando a construção de um repertório narrativo significativo. Foram utilizadas dinâmicas de grupo, rodas de conversa e estímulos visuais e textuais que serviram como disparadores para a elaboração das falas.

O registro das falas foi realizado por meio de anotações e gravações, com a devida autorização dos participantes e responsáveis, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. As narrativas que emergiram nesse contexto revelam aspectos subjetivos importantes, além de apontarem para questões sociais mais amplas, como o impacto das representações culturais, o reconhecimento de si e do outro, e as estratégias de resistência simbólica adotadas por esses jovens.

O exercício de narrar permitiu não apenas o compartilhamento de experiências, mas também a ressignificação de vivências muitas vezes silenciadas no cotidiano escolar ou social. O roteiro de perguntas que orientou a condução desta oficina encontra-se disponível em apêndice ao final deste trabalho (Apêndice D). Esse instrumento serviu como base para estimular o diálogo e favorecer o aprofundamento das reflexões dos participantes, abordando questões relacionadas à identidade, memória, práticas de leitura e vivências pessoais.

A escolha por um roteiro semiestruturado permitiu flexibilidade nas respostas dos participantes, respeitando o ritmo, os modos de expressão e a espontaneidade das narrativas. Os questionamentos foram elaborados a partir de uma linguagem acessível e próxima da realidade dos adolescentes, contemplando aspectos como gostos musicais, costumes familiares, referências literárias e rituais cotidianos.

As respostas revelam traços marcantes da cultura popular, da oralidade e da ancestralidade, evidenciando práticas que articulam religiosidade, tradição oral, afetividade e cotidiano familiar. Nas falas, surgem costumes associados a crenças populares, como cortar o cabelo na lua crescente, comer peixe na Semana Santa ou contar histórias sobre figuras míticas como o curupira ou o lobisomem.

Os estilos musicais: rap, trap, pop, piseiro, sofrência, sertanejo, gospel, pagode. Os costumes e cultura da minha família: na família, meus tios-avôs bebem todo final de semana, mulher quando está no período menstrual não pode comer ovo, quando fica relampeando tem que desligar os aparelhos eletrônicos e no natal, sempre se juntam para fazer a ceia. Minha família no natal não decora a casa, geralmente. Na minha família sempre cortamos o cabelo na lua crescente e na sexta-feira da paixão sempre comemos peixe. O nome de uma autora de um livro que gostei foi Carolina de Jesus. (Metal, 2025).

O meu estilo musical: sertanejo, sofrência, *junk*, MPB, pagode, pop (*love songs*), trox, rap, pagodão e forró. Meus costumes e cultura na minha família: nós não comemos carne na Semana Santa, as mulheres não podem comer pêra quando estão no período menstrual, temos que pedir lenço aos mais velhos e na Semana Santa temos que pedir *bença* ajoelhados. O caruru e vatapá de São Cosme e Damião, tem a tradição de um benzedeiro. E eu assisto Harry Potter todo natal. No natal, decoramos a casa todo ano e só corto cabelo em lua crescente. O meu avô é caçador e ele conta história de curupira, lobisomem na sexta-feira da paixão, às três horas da tarde, e a partir dessa hora, nós não podemos fazer mais nada até sábado de aleluia. A autora que eu mais gosto hoje é Djamila Ribeiro. (Água, 2025).

O meu estilo musical é funk, piseiro, hip-hop, sofrência, pagode, paredão e brega funk. Os costumes e cultura é quando estiver chovendo não ficar com os vidros abertos de casa e tem que colocar uma coberta por cima. Outro costume é quando chega o ano novo, toda a família se reúne para orar pela vida de cada um. A minha avó ensinou pra gente que tem que acender uma vela sempre que a gente for fazer qualquer pedido que as coisas deem certo. A minha escritora que gosto é Bianca Santana. (Terra, 2025).

O meu estilo musical é piseiro, pop internacional, pagode e também, forró. Na minha família, as pessoas falam muito, quando estão juntas, de comida, política e também, em jeitos de ajudar pessoas que sofrem com a polícia ou drogas. Uma autora que gosto muito é Alice Walker. (Fogo, 2025).

Os questionamentos foram feitos a partir de uma linguagem aproximada do público-alvo, os adolescentes. E tanto os meninos quanto as meninas conseguiram identificar costumes que tinham em comum na família de um e também eram mantidos na família do outro.

No intento, um dos participantes deixou a folha em branco, e acredito que isso também seja um modo de dizer. O silêncio também pode mostrar outros pensares e formas de se expressar, sobretudo na perspectiva de compreender que nem todos os adolescentes têm tempo de qualidade ou convivência com familiares e seus mais velhos. Assim como esse modo de agir, em determinados momentos, no coletivo, também está interligado com o processo de silenciamento que pessoas negras sofrem ou veem os seus pares sofrerem ao longo da vida.

Ao analisar as narrativas de jovens quilombolas, é essencial considerar que suas identidades e etnicidades são construídas a partir de interações sociais e culturais. O silêncio ou a ausência de respostas em atividades de pesquisa podem refletir a internalização de estigmas ou a falta de espaço para expressar suas experiências. Esse silêncio também pode ser interpretado como uma forma de resistência ou uma estratégia de proteção diante de contextos de marginalização e silenciamento histórico.

Para Grada Kilomba (2019), em sua obra *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, a máscara do silenciamento é usada também como forma de evitar que os brancos que dominam a estrutura desde o período colonial escutem o que os negros têm a dizer. No entanto, os lugares de escuta nem sempre tem esse letramento para refletir acerca dos silêncios de algumas pessoas negras em determinadas propostas de atividade.

Desse modo, enquanto educadora com acesso ao debate do racismo e visando operacionalizar de forma efetiva o enfrentamento ao preconceito e também o fomento ao respeito para com as diferenças, o Clube sugere em sua curadoria livros que tratem dessas temáticas, assim como tem dado preferência aos autores negros e negras nos processos de leitura e etnicidades, ressalta Cunha (2007, p. 246) que:

A relevância da cultura para a etnicidade está na consciência de que cada grupo étnico faz destas. Daí as noções do “Nós” e do “Eles” e o realce de símbolos são alguns dos critérios para manutenção das diferenças culturais num fluxo constante e variável pela interação, realçando as diferenças entre grupos por via da eleição e saliência dos traços culturais significativos, ditos diacríticos.

Sendo assim, quanto mais nos misturamos, mais aprendemos a possibilidade de convivência e também desaprendemos sobre coisas que não nos servem mais.

A princípio, quando se pensa em povos quilombolas, por exemplo, muitas vezes a palavra quilombo soa como algo que está no passado, como uma comunidade distante em que as pessoas ainda se mantêm sem nenhuma interferência das novas gerações práticas e saberes antigos. Um sujeito, mesmo com pouca idade, e com acesso a conhecimento consegue transformar de forma grandiosa o seu espaço que aqui é contextualizado no quilombo.

Para Beatriz Nascimento (1989), o quilombo é uma história. É uma palavra que tem história. É um território de memória que, apesar de todos os ataques históricos, é vivo no tempo. E as imagens a seguir trazem um tanto da história passada destes adolescentes quilombolas do Barro Preto e a memória dos seus mais velhos. E entendendo a importância dessa reflexão podemos combater o racismo e o preconceito sobre quilombolas, como se essas pessoas existissem em um pseudopresente, como algo estagnado ou descrito como no livro didático.

O clube é uma iniciativa forjada no quilombo do Barro Preto, no primeiro momento, e logo depois passa a resistir em outro espaço quilombola do município, e isso é muito forte. Não apenas falando sobre ancestralidade, mas sobre a força de lugares que incitam sonhos e que fomentam essa ideia em meio a urgência do nosso tempo. O nosso compromisso enquanto incentivadores da leitura e do uso do livro como uma arma para combater as desigualdades e o apagamento das culturas está para além da teoria. E para finalizar essa oficina solicitamos que os colaboradores resumissem o momento em uma única palavra, esse foi o resultado que tivemos:

Para mim, a palavra é SORTE! Que sorte estar aqui. (Terra).

Eu também acho que essa é boa: gratidão. (Fogo).

Bom. (Água).

Eu gostei demais. A minha palavra é: aprendizado. (Vento).

Eu quero dizer: importante. (Metal).

Como disse Nêgo Bispo (2023, p. 110), “essa é uma energia que está nos movimentando para o compartilhamento, sobretudo de quem somos”. Segundo ele (2023, p. 108):

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente, a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta.

A ideia de que "a confluência é uma força que rende, que alarga os espaços" sugere que o encontro de diferentes histórias, culturas e saberes gera um potencial criativo e transformador. Esse processo de troca e compartilhamento é fundamental para a construção de comunidades mais fortes e resilientes, onde a diversidade é celebrada e vista como uma fonte de enriquecimento mútua.

### **6.3 Análises Preliminares e Reflexões Iniciais**

Após analisar estes dados coletados nos processos de observação e da oficina proposta aos participantes do estudo, cujo objetivo foi compreender como o clube se constrói como um espaço educativo de fomento ao antirracismo, logo identificamos que adotar uma abordagem metodológica que valorize as especificidades culturais é fundamental.

A diante, apresento uma sequência de sugestões para as análises preliminares e reflexões iniciantes desses dados:

#### **1. Contextualização dos Participantes:**

Considerando os marcadores como identidade étnica, idade, gênero e histórico de leituras, assim como acesso a discussões étnicas, conseguimos compreender a diversidade presente no grupo. Embora, eles pertencessem à mesma comunidade quilombola, algumas influências diferenciavam suas etnicidades. Um exemplo visto são as interações que os adolescentes têm para além do contexto do território em que moram, outro ponto interessante são os tamanhos das famílias, assim como os mais velhos presentes em detrimento de outros ausentes no convívio familiar. Mas, à medida que os diálogos aconteciam, alguns se mostravam mais proativos, falantes e outros mais calados e observadores. Também foi importante perceber que os adolescentes criados em casas com as avós tinham um conhecimento diferente de saberes em relação aos que não tinham essa presença em casa. Alguns sabiam os dizeres de uma reza, ensinada pelas avós para limpar as energias ruins do corpo, outras para proteger crianças do mau olhar. Foi muito interessante analisar de forma minuciosa as substâncias que estavam presentes em suas etnicidades.

## 2. Observação das Interações:

No momento da dinâmica posta, a oficina A Importância de Saber de Onde Vem os Nossos Passos atenta para como os participantes do estudo se relacionam com a proposta, pude captar como eles compartilhavam as suas experiências. Utilizando de uma linguagem pertencente à fase da adolescência, com gírias e símbolos já reconhecidos por cada um deles. Não houve resistência em realizar as atividades, assim como os diálogos nos momentos das etapas da oficina fluíram em uma perfeita ordem. Durante esse processo, uma coisa que me chamou a atenção foi a forma como eles se ajudavam quando acontecia alguma dificuldade em lembrar algo que fora esquecido. A forma como um ia complementando a memória do outro, pois por morarem na mesma comunidade, as suas famílias se conhecem, interagem inclusive com os pais e os avós.

Por compreender que a adolescência é uma fase desafiadora tanto para os adultos que lidam com esse processo com os filhos e até mesmo para professores que ensinam nessas turmas, sabe-se que é uma fase de muita resistência e também de exclusão do que seria lido como “diferente”, mas entre eles, a relação se mostrou diferente. Utilizando uma palavra dita por muitos deles em diferentes momentos foi a “parceria” – “Nós somos muito parceiros, professora.” A relação se construía de modo coletivo, mesmo com as diferenças entre eles, não identifiquei uma concorrência. Não havia uma “pressa” para um passar na frente do outro, pelo contrário, a medida em que um avançava para finalizar uma parte da atividade procurava saber em que parte o outro estava e sempre terminavam as propostas juntos. E não soava como algo elaborado, mas como um acontecimento muito natural das suas convivências.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa que teve como objeto de estudo o Clube da Leitura Preta, compreendido como uma prática pedagógica antirracista desenvolvida em território quilombola na cidade de Jequié, Bahia.

Ao longo do trabalho, busquei compreender de que maneira o Clube se constitui como espaço de letramento, formação crítica e produção de sentidos, a partir do diálogo entre literatura negra, escrituras e experiências de adolescentes participantes.

A investigação, ancorada em uma abordagem qualitativa e na perspectiva da pesquisa-ação, permitiu reconhecer a prática educativa e antirracista como lugar legítimo de produção de conhecimento. Nesse percurso, o Clube da Leitura Preta não foi analisado como uma

experiência externa à pesquisa, mas como um espaço vivo, no qual teoria e prática se constroem de forma indissociável.

As produções poéticas dos adolescentes participantes, analisadas no capítulo anterior, evidenciaram como as obras de autores negros podem operar como ferramentas de expressão, pertencimento e fomento a escrita.

Assim, estas considerações finais retomam os principais achados da pesquisa, destacam suas contribuições para o campo da educação antirracista e do letramento literário, apontam limites do estudo e indicam possíveis desdobramentos. Mais do que encerrar um percurso, este capítulo reafirma a compreensão de que a pesquisa nasce da prática, se constrói no coletivo e permanece em movimento, acompanhando as vozes, os territórios e as experiências que lhe deram origem.

Mais do que uma experiência localizada, o Clube da Leitura Preta revela-se como prática insurgente que desafia a colonialidade do saber e desloca os centros de legitimidade epistêmica. Ao afirmar a literatura negra como eixo estruturante do processo formativo, o Clube não apenas amplia repertórios, mas tensiona o currículo, desestabiliza silenciamentos históricos e reposiciona adolescentes quilombolas como sujeitos de autoria, pensamento e criação.

Se, ao longo da história, a escola foi espaço de negação de identidades e de invisibilização de epistemologias negras, esta pesquisa demonstra que ela pode também ser território de reconfiguração simbólica e política. O letramento literário, quando atravessado pela escrevivência e pela circularidade, deixa de ser mero instrumento técnico e torna-se prática de consciência, pertencimento e emancipação. Ler, nesse contexto, é um ato de memória; escrever é um gesto de existência; partilhar é uma forma de resistência coletiva.

As vozes dos adolescentes participantes evidenciam que a presença de autoras e autores negros no cotidiano formativo não se resume à representatividade superficial, mas constitui possibilidade concreta de reconstrução identitária. Ao se reconhecerem nas narrativas, os jovens ampliam horizontes de futuro e reelaboram marcas do passado, transformando dor em linguagem e experiência em conhecimento.

Assim, esta dissertação reafirma que práticas pedagógicas situadas em territórios quilombolas não são experiências periféricas ao campo acadêmico, mas contribuições centrais para a construção de uma educação antirracista comprometida com justiça social e equidade racial. Ao articular teoria e prática, pesquisa e ação, coletivo e singular, o estudo demonstra que produzir conhecimento também é disputar narrativas e reescrever lugares historicamente subalternizados.

Encerrar este texto é reconhecer que o movimento iniciado no Clube da Leitura Preta não se esgota nas páginas desta dissertação. Ele permanece nas rodas de leitura, nas escritas que continuam a nascer, nas identidades que se fortalecem e nos territórios que insistem em existir.

Porque, quando adolescentes quilombolas leem autoras e autores negros, não estão apenas folheando livros — estão reorganizando o mundo a partir de si. E talvez, seja essa a maior contribuição desta pesquisa: afirmar que educar, em perspectiva antirracista, é semear futuro onde antes tentaram plantar silêncio.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ASSAD, P. **Jequié: Em Um Ano Cidade Baiana Mais Violenta do País se Torna a com Maior Letalidade Policial**. O Globo, 18 jul. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/07/18/jequie-em-um-ano-cidade-baiana-maisviolenta-do-pais-se-torna-a-com-maior-letalidade-policial.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2026.

**AVATAR: A LENDA DE AANG**. In: Wikipedia, a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar:\\_The\\_Last\\_Airbender](https://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar:_The_Last_Airbender). Acesso em: 18 fev. 2026.

BAHIA. **Ministério Público do Estado da Bahia**. MP lança aplicativo para mapear casos de racismo na Bahia. Salvador: MPBA, 12 nov. 2018. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/noticia/44375>. Acesso em: 19 fev. 2026.

BARTH, F. Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras. In: LASK, T. (org.). **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1969, p. 25-35.

BARTRA, R. **As Redes Imaginárias do Poder Político**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BRASIL, **Lei nº 10.639, de 9 janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 09 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias). Acesso em: 18 fev. 2026.

BRASIL, **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 18 fev. 2026.

CANDAUI, V. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n. 2, p. 240-255, jul./dez. 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O Índio e o Mundo dos Brancos**: relações interétnicas no Brasil. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1976.

COUTO, M. **O Caçador de Elefantes Invisíveis**. Lisboa: Editorial Caminho, 2021 (Edição brasileira: Companhia das Letras, 2022).

CUNHA, M. **Cultura com Aspas**. São Paulo: CosacNaify, 2007.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. São Paulo: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. **Escrevivências e Outros Ensaios**. São Paulo: Pallas, 2018.

FREIRE, P. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

G1. **Bahia tem cinco cidades entre as 10 mais violentas do Brasil, veja lista**. G1 Bahia, 24 jul. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2025/07/24/bahia-cidadesmais-violentas-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2026.

GLAZER.N.; MOYNIHAN. D. P. Introduction. In: GLAZER.N.; MOYNIHAN. D. P. (eds). **Old Societies and New York**, New York: Free Press, 1963.

GOMES, N. Educação e Identidade negra. **Revista Ação Educativa**, n. 21, p. 167-185, 2003.

GOMES, N. **Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOMES, N. **Educação para a Igualdade Racial: reflexões e práticas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GONZALEZ, L. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GUZZO, M. **Conceição Evaristo: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira**. Portal Catarinas, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-ahistoria-brasileira/>. Acesso em: 18 fev. 2026.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. (Obra original publicada em 1992).

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIRSCH, S. **Anthropology and Advocacy: Cases Studies from Anthropological Practice**. New York: Berghahn Books, 2010.

LIMA, F. **Bio-itinerários: pensamentos negros e decoloniais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

LIMA, I. **Jessika de Oliveira: "O Clube de Leitura Preta potencializou a autoestima dos alunos"**. Revista Gama, Uol, 15 out. 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/podcast/podcast-da-semana/jessika-de-oliveira-clube-deleitura-preta-autoestima-dos-alunos-literatura-antirracista/>. Acesso em: 18 fev. 2026.

MARTINS, L. **A Performance do Tempo Espiralar: poéticas do corpo-tela**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

MANTOVANI, F. **Como aproveitar melhor um clube do livro**. Revista Gama, Uol, 20 abr. 2025. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/qual-seu-clube-do-livro/como3/>. Acesso em: 20 fev. 2026.

MINAYO, M. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, K. **Travessia: Kabengele Munanga**. [Entrevista cedida a] TV USP. São Paulo: TV USP, 2012.

MUNANGA, K. A difícil tarefa de redefinir quem é negro no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 62, p. 50-56, maio/jul. 2004. Disponível na Biblioteca Digital da USP. 2004.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2019.

NASCIMENTO, B. **Uma História Feita por Mãos Negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, B. O Conceito de Quilombo e a Resistência Cultural Negra. **Revista Afrodiáspora**, Rio de Janeiro, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

ÔRÍ. Direção: Raquel Gerber. Roteiro e Narração: Beatriz Nascimento. São Paulo: Geledés; Brasília: Ministério da Cultura, 1989. 1 DVD (92 min).

ORTIZ, F. **Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar**. Madrid: Editorial Alianza, 1993.

RATTS, A. **Eu Sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento**. São Paulo: IMESP, 2007.

SANSONE, L. **Negritude sem Etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

SANTANA, M. **ODEERE: formação docente, linguagens visuais e legados africanos no Sudoeste Baiano**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014.

- SANTANA, M. Apresentação: tecendo caminhos e metodologias contracoloniais. *In*: SOUZA, M.; PEROVANO FILHO, N. (org.). **Metodologias contracoloniais em relações étnicas, raciais e de gênero**. Curitiba: Appris, 2023,
- SANTOS, A. **Quilombos, modos de significar**. Brasília: INCT/Inclusion, 2011.
- SANTOS, A. **Somos da terra**. *In*: Cidadania. São Paulo: SESC, 2021. P. 10-25.
- SANTOS, A. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.
- SANTOS, A. **A Terra Dá, a Terra Quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, B. **O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- SILVA, PETRONILHA Beatriz Gonçalves e. **Educação e Ações Afirmativas: Entre a Justiça Jurídica e a Justiça Social**. Brasília: INEP, 2015.
- SOUSA, I. **Negros: educação por uma nova história**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- THOMPSON, J. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- WADE, P. **Raza y etnicidad en Latinoamérica**. Quito: Abya-Yala, 2000.
- WALKER, A. **In Search of Our Mothers' Gardens: womanist prose**. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.
- WEBER, M. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. (Obra original publicada em 1922).

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ROTEIRO DE ATIVIDADE DE LEITURA E ESCRITAS DE ESCRIVIVÊNCIAS

Este roteiro compõe a etapa de atividade escrita vinculada às oficinas desenvolvidas com adolescentes no âmbito do Clube da Leitura Preta, com ênfase na leitura de obras de autoria negra e na produção de escritivências. A proposta visa promover a identificação dos adolescentes com os textos lidos, estimular o sentimento de pertencimento e fomentar a construção de narrativas próprias, com base nas experiências vividas, familiares e coletivas.

1. Após a leitura do livro 'Becos da Memória', de Conceição Evaristo, escreva um texto contando de que forma você se identificou com os personagens, os cenários ou as situações descritas na história.

2. Existe alguma parte do livro que te fez lembrar da sua vida ou da vida de alguém da sua família ou comunidade? Descreva essa cena e explique por que ela te tocou.

3. Agora é a sua vez de escrever uma escrivência. Escolha uma lembrança marcante da sua vida ou algo que te represente e conte essa história. Pode ser algo alegre, triste, curioso ou importante. O mais importante é que seja verdadeiro e venha de você.

4. Você acredita que a sua vida, sua história ou a cultura da sua comunidade também pode ser lida como um 'texto'? Se sim, que partes da sua cultura você acha que as pessoas deveriam 'ler' para entender melhor quem vocês são?

Observação metodológica: As respostas a essas atividades foram utilizadas como parte da análise qualitativa da pesquisa, respeitando os princípios éticos e assegurando o anonimato dos participantes. As atividades foram conduzidas em ambiente seguro, promovendo a escuta ativa e o respeito às vivências compartilhadas.

## APÊNDICE –

### B ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFESSORAS

Este roteiro de entrevista foi utilizado como instrumento da etapa qualitativa da pesquisa com professoras das redes estadual e municipal de ensino da cidade de Jequié. O objetivo foi compreender, a partir da perspectiva das educadoras, a presença (ou ausência) de iniciativas voltadas à leitura de obras de autoria negra e indígena nas escolas locais, contribuindo para um mapeamento das práticas e lacunas relacionadas à educação antirracista e intercultural.

1. Existem, na sua trajetória profissional nas redes de ensino (municipal e/ou estadual), projetos ou ações voltadas para a leitura com ênfase na literatura de autoria negra ou indígena? Se sim, quais?

2. Você conhece alguma iniciativa, na cidade de Jequié, voltada especificamente para o incentivo à leitura de obras de autoria negra ou indígena?

3. Em sua opinião, por que ainda há pouca presença dessas temáticas nos projetos de leitura escolar?

4. Quais os desafios e possibilidades para a implementação de clubes de leitura com ênfase na produção literária negra e indígena no contexto das escolas de Jequié?

5. Como você avalia a importância de projetos como o Clube da Leitura Preta para a formação de estudantes e para o combate ao racismo no ambiente escolar?

Observação metodológica: As entrevistas foram realizadas com base em perguntas abertas, respeitando os princípios éticos da pesquisa qualitativa e buscando valorizar a experiência e a escuta das participantes como fontes legítimas de saber sobre as práticas educativas e culturais no território investigado.

### C OFICINA DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA: PENSANDO O MUNDO POR NÓS

#### Primeiro momento:

- Cada adolescente cria uma peça artística (desenho, pintura ou colagem) que representa suas raízes étnicas.
- Ao final, montaram uma exposição para compartilhar os trabalhos.
- Materiais: Folhas de ofício tipo A4, lápis, canetas e lápis de cor.

## APÊNDICE –

- Objetivo: Incentivar a reflexão sobre identidade étnica através da arte.

### Segundo momento:

- Apresentação escrita, com as seguintes perguntas norteadoras:
- Qual o seu estilo musical?
- Quais os costumes culturais da sua família?
- Qual livro até agora te chamou mais atenção no Clube da Leitura?

### Terceiro momento:

- Encerramos a oficina com a proposta de que os participantes resumissem a experiência da oficina em uma única palavra e logo depois socializarem.

## D ESCRIVIVÊNCIAS

### 1. Acolhimento/ambientação (15 min)

- Recepção dos participantes;
- Apresentação dos objetivos da oficina;
- Construção coletiva de combinados de convivência e escuta respeitosa;
- Dinâmica de abertura: “qual é a cor do seu nome” (cada participante diz seu nome e escolhe uma cor que representa sua identidade naquele dia).

### 2. Atividade disparadora (20 min)

- Apresentação de estímulos visuais e textuais;
- Leitura de um pequeno texto ou poema relacionado à temática da identidade ou ancestralidade (ex.: Conceição Evaristo, Cuti, Elisa Lucinda).

### 3. Roda de conversa: “minha trajetória com a leitura” (30–40 min)

- Condução de uma roda de conversa com perguntas geradoras:
  - Quais foram os primeiros livros que você se lembra?
  - Como você se sentiu ao ler personagens parecidos com você?
  - Você já se sentiu representado(a) em alguma leitura?

**APÊNDICE –**

- Registros realizados por meio de anotações e gravações (com autorização dos responsáveis).

**4. Atividade de memória e narrativa (30 min)**

- Proposta: “linha do tempo afetiva da leitura”
  - Cada participante recebe uma folha para desenhar ou escrever três momentos importantes da sua trajetória com a leitura (em casa, na escola, no clube, etc.);
  - Compartilhamento voluntário no coletivo; ○ Ênfase na escuta sensível e no respeito às narrativas individuais.

**5. Encerramento e partilha final (15–20 min)**

- Pergunta de fechamento: “o que levo comigo hoje?”
- Espaço aberto para falas espontâneas